

# AUTORES & LIVROS

3/4/1942  
ANO 11

SUPLEMENTO LITERÁRIO DE "A MANHÃ"  
publicado semanalmente, sob a direção de Mucio  
Leão (Da Academia Brasileira de Letras)

Vol. 11  
Número 11

## Notícia sobre Aluizio Azevedo

Aluizio Tancredo Belo Gonçalves de Azevedo nasceu em São Luiz do Maranhão, em 14 de abril de 1857. Era filho do casal português em São Luiz, David Gonçalves de Azevedo e de D. Emilia Branco. Fez os primeiros estudos com Raimundo Joaquim Cesar e José Antonio Pires. Recebeu também lições de desenho do professor italiano Domingos Tribuzzi. Chegando à adolescência, foi com seu irmão Arthur, colocado na casa do mercador de David Freire da Silva, como caixeiro. Foi depois professor de português, no colégio Fellon.

Aos 19 anos, veio residir no Rio, onde já chegara seu irmão Arthur, que aqui se estreitava, com grande êxito na imprensa. Aluizio foi trabalhar como caricaturista no "Figaro" e no "Mequetrefe". No Rio, matriculou-se na Escola de Belas Artes, cursando durante um ano as aulas de modelo vivo. Encomendaram-se desenhos seus em "Comédia Popular", na "Vida Fluminense" e no "Zig-Zag".

Sua habilidade de desenhista muito o auxiliou na composição dos seus romances, pois Aluizio tinha o hábito de esboçar, fazendo-se acompanhar de imagens desenhadas de cada um dos seus personagens, que, à proporção que saíam da ação do livro, eram tirados de cima da mesa. Foi pintado por ele, juntamente com um companheiro, o pano de boca do Teatro Ginásio, e bem assim parte das cenários da "Petite Marie", representada no Teatro Alencar. Como pretendesse aperfeiçoar seus estudos de pintura, requereu uma pensão à assembleia maranhense, para poder partir para a Itália; isso lhe foi negado.

Em 1879, morreu seu pai. Aluizio parte para o Maranhão, e ali, nos anos de 1880 e 1881, redige "O Pensador", jornal de tendências revolucionárias para a época. Com o pseudônimo de "Pitiribi" colabora na "Flecha", nos anos de 1879 e 1880, tomando parte na luta existente entre aquele jornal e a "Civilização", órgão católico dos padres

Mourão e Fonseca. Na "Pacatilha", redige a seção "Revista dos Jornais", usando o pseudônimo de "Luinho". Como redator de "O Pensador" veio a sofrer um processo, que lhe foi movido pelo padre José Batista.

Com o aparecimento de "O Mulato", em 1881, novas perspectivas se abriram diante dos seus olhos. O livro fez um sucesso considerável, e Aluizio, com o diablito obliquo, pode regressar ao Rio. Aqui abandonou as suas veleidades de pintor e caricaturista, entregando-se de corpo e alma à sua verdadeira vocação, que era a de escritor e a de romancista.

Em 31 de junho de 1891 obteve a nomeação para oficial maior da Secretaria dos Negócios do Estado do Rio de Janeiro, cargo de que foi dispensado em 31 de janeiro do ano seguinte. Em 30 de dezembro de 1895 obteve por concurso o cargo de vice-consul do Brasil em Vigo, sendo removido, dois anos

depois, para o vice-consulado de Ilokoama e em 1898 para o de Salto. Em 31 de março de 1903 foi nomeado consul em La Plata, removido em 1904 para Cardiff e em 1906 para Nápoles. Por ato de 29 de junho de 1910 foi promovido a consul geral em Assunção. Em 27 de fevereiro de 1911, sem prejuízo das suas funções consulares, Rio Branco conferiu-lhe o posto de adido à legação do Brasil no Paraguai. Por decreto de 23 de julho do mesmo ano, foi nomeado adido comercial junto as legações do Brasil na República Argentina e no Chile e nas demais da América do Sul, para as quais fosse oportunamente designado.

Aluizio Azevedo, foi um dos fundadores da Academia Brasileira, criando ali a cadeira n. 4, de que é patrono Basílio da Gama. Foi substituído pelo senhor Alcides Maya.

Faleceu em Buenos Aires, no exercício de sua carreira consular, em 21 de janeiro de 1913. Seus restos mortais foram transferidos para o Rio, de onde seguiram para o Maranhão.



ALUIZIO AZEVEDO

## Bibliografia de Aluizio Azevedo

É a seguinte a bibliografia de Aluizio Azevedo:

A — ROMANCES:

— "Uma lágrima de mulher", H. Garnier, Rio, 1880;

— "O Mulato", Tip. do País, Maranhão, 1881;

— "O Mistério da Tijuca ou Girândola de Amores" (salu primeiramente na Folha Nova) H. Garnier, 1882;

— "Memórias de um Condenado", folhetim da "Gazetinha", 1882. (Terceira edição com o título de "Condessa Vespertina", Garnier, 1902).

— "Casa de Pensão", Tip. Militar de Santos e Cia., 1884.

— "Filomena Borges" — "Gazeta de Notícias", 1884.

— "O Homem", Tip. de A. de Castro Silva, 1887.

— "O Coruja", Garnier, 1890.

— "O Cortico", Garnier, 1890.

— "A Mortalha de Aluizio", Fauchon e Cia., 1894. (Aparecido primeiramente na "Gazeta de Notícias", assinado pelo pseudônimo de Victor Leal).

— "Livro de uma sogra", Tip. de Domingos Magalhães, 1895;

— "A filha de S. Excia.", inédito.

B — CONTOS:

— "Demônios", S. Paulo, Teixeira e Irmão, 1899.

— "Pegadas", H. Garnier, 1898 (7).

C — TEATRO:

— "Demônios, contos", S. Paulo, Teixeira e Irmão, 1893;

— "Pegadas", H. Garnier, 1898;

— "Os Doudas", comédia em 3 atos, em colaboração com Arthur Azevedo em verso; alguns fragmentos, segundo Velho da Silva, saíram na "Revista dos Teatros", em 1 de julho de 1879;

— "Casa de Orates", colaboração com Arthur Azevedo, comédia em três atos, representada no Teatro Santa Ana em 1882 (inédita);

— "Galeria Teatral". "A flor de Lili". Ópera acomodada à cena brasileira por Arthur e

Aluizio Azevedo. Música de Leão Vasseur, Rio, Domingos de Magalhães, editor, 1883;

— "Filomena Borges", comédia em 1 ato, 1884, representada no Teatro Príncipe Imperial, (inédita);

— "O Mulato", drama em três atos, 1884, representado no Recreio Dramático, (inédito);

— "Venenos que curam", comédia em 4 atos, em colaboração com Eugênio Rouede, 1885, representada no Teatro Lucinda, (inédita);

— "Os Sonhadores (Macaquinhos no sótão)", comédia em três atos, 1887, representada no Teatro Santana, (inédito);

— "Fritzmack", em colaboração Arthur Azevedo, revista fluminense de 1888, em prosa e verso, um prólogo, três atos e 17 quadros, música de Leopoldo Rayol. Rio, Luiz Braga Junior, editor, 1889.

— "A República". Revista de ano com Arthur Azevedo, 1890, representada no mesmo teatro;

— "Um caso de adultério", drama em três atos, com Emílio Rouede, 1891, representada no Teatro Lucinda, (inédita);

— "Em Flagrante", comédia em 1 ato, com Emílio Rouede, representada em 1901, no Teatro Lucinda, (inédita);

— "As Minas de Salomão", fantasia em 3 atos (mencionada por Arthur Mota).

— "O Inferno", fantasia em 3 atos, em colaboração com Emílio Rouede, (inédita);

— "A Mulher", drama fantástico, (inédito);

— "Fluxo e refluxo", facécia em três atos, no "Almanaque Garnier", 1905.

Encontram-se trabalhos de Aluizio Azevedo nos jornais acima citados e em muitos outros, como a "Semana", o "Album", "Gazeta Literária", "Gazeta de Notícias", "Almanaque Garnier", "Revista da Academia Brasileira de Letras", "Revista Americana", etc.

## SUMÁRIO

PÁGINA 167:

- Notícia sobre Aluizio Azevedo.
- Bibliografia de Aluizio Azevedo.
- Pensamentos de Aluizio de Azevedo. — Uma mulher. A vida. O encanto feminino.

PÁGINA 168 E 169:

- A pensão de Madame Ruzard, de Aluizio Azevedo.

PÁGINA 170:

- Correspondência de escritores. Carta de Aluizio Azevedo a Lucio de Menezes.
- Duas poesias de Aluizio Azevedo. Seta. Dura lex.

PÁGINA 171:

- Pensamentos de Aluizio Azevedo. — O sol e a sombra. Compensação. A paixão.
- O revolado, de Coelho Neto.
- Fac-simile do soneto Pobre Amor, de Aluizio Azevedo.

PÁGINA 172:

- Recordando... de Augusto de Lima.
- Pensamentos de Aluizio Azevedo. — O sonho. Impregnações. O domingo.
- Um documento precioso da história literária.

PÁGINA 173:

- A obra de Aluizio Azevedo, de Alcides Maya (da Academia Brasileira).

PÁGINAS 174 E 175:

- História de O Mulato, de José Montello.
- Aluizio Azevedo na opinião de Ronald de Carvalho.

PÁGINA 176:

- Um capítulo de O Mulato, de Aluizio Azevedo.

PÁGINA 177:

- Aluizio Azevedo, de José Veríssimo.
- Algumas palavras sobre O Mulato. (Prefácio da 3ª edição) de Aluizio Azevedo.

PÁGINA 178:

- Aluizio Azevedo, contista. O madeiroiro.

PÁGINA 179:

- A vida de Aluizio Azevedo, de Domingos Barbosa (da Academia Maranhense).
- Dois sonetos de Aluizio Azevedo — Velha Saudade — Maldição.

PÁGINA 180:

- Um capítulo de A Mortalha de Aluizio Azevedo.
- Balada, de Aluizio Azevedo.

PÁGINA 181:

- O grande Palácio, conto de Antonio Austregésio (da Academia Brasileira).
- A morte de um médium cultural, de Ernesto Feder.

PÁGINA 182:

- Falando à sombra e misteriosa Princesa, poema de Mucio Leão (com ilustração de Osvaldo Goeldi).
- Galeria de nomes ilustres.

## Pensamentos de Aluizio Azevedo

O AMOR DOS ARTISTAS — Caracteres angélicos como o do artista sabem e podem amar; não com esse amor sensual e grosseiro, cheio de desejos, que estiolam o coração e os sentidos dos filhos das grandes capitais, mas com essa fragrância singela, comparável ao perfume da violeta e que se pode chamar afeto, religião ou fanatismo.

O ENCANTO FEMININO — Há sempre nos aposentos da mulher bela um não sei quê de indizível e sedutor, que encanta e embriaga, uns perfumes de cabelos, de flores e de carnes, que lembram simpaticamente a euforia macia e flácida de um bom seio de vinte e dois anos. Pode-se chamar a esse fluido exquisito o perfume do amor.

# A PENSÃO DE MADAME

Foi justamente três anos depois disso que Amancio chegou ao Rio de Janeiro.

A casa de Mme. Brizard estava então no seu apogeu: de todos os lados chegavam os hóspedes, entre os quais se notavam pessoas de importância. Pelo tempo das câmaras reuniam-se ali alguns deputados da província, homens sérios, em geral gordos, o ar discreto, um sorriso infantil à superfície dos lábios e um frascado imaginoso, cheio de poesia. Fazia-se política no salão, depois da comida, em chinelas de tapete, ao remansado soprar do fumo da Bala.

A dona da casa gozava para eles de muita consideração: só um ou outro, mais atirado à pilhéria, ouvia atribuir a alguns dos seus "nobres colegas" os sorrisos de Mme. Brizard.

Outros entusiasmavam-se por ela.

— Não! Diziam. — Aquela mulher devia ter sido um pãncão no seu tempo! Tudo que era peçoço e ombros ainda se podia ver! Quem dera a muitas novas um colo daqueles!

De uma feita um deputado de Minas, criatura baixa, secado, rosto curto, poucas palavras e muita barba, empalmo-lhe a cintura na sala de jantar.

A francesa baixou os olhos, afastou-se dignamente, e foi logo dizer ao marido que era necessário por aquele homem na rua.

— O Moura? Por que?

— Não te posso dizer porque... mas apanço que o Moura não nos convém!

— Faz-te alguma?

— Faltou-me ao respeito!

— Hein?

— Agarrou-me a cintura e termelha beijado e peçoço, si lho permitisse.

Esta última parte da queixa fazia mais honra ao espírito inventivo de Mme. Brizard do que ao seu espírito de verdade: ela, porém, não resistia ao gostinho de falar no seu peçoço, sempre que se oferecia ocasião.

E o Moura teria posto os ossos na rua, se a própria Mme. Brizard não intercedesse por ele no dia seguinte, alegando que o pobre homem havia na véspera carregado um pouco mais no virgem.

Também foi só. Nunca mais, que constasse, palpitou ali sombra de escândalo, e a famosa casa de pensão continuava a sustentar a melhor aparência deste mundo. Até se disse à boca cheia que, por mais de uma vez, lá se hospedavam verdadeiras celestidades, e eram todos de acordo em que no Rio de Janeiro ninguém fazia espetados de camarão tão saborosos como os da simpática irmãzinha do João Coqueiro, a Amélia. Uma verdadeira especialidade. Constatava-se que vinha gente de longe ao cheiro daqueles camarões.

A casa tinha dois andares e uma boa chácara no fundo. O salão de visitas era no primeiro. — Mobília antiga, um tanto mesclada: ao centro grande lustre de cristal, coberto de filó amarelo. Três largas janelas de sacada, guarnecidas de cortinas brancas, davam para a rua: do lado oposto, um enorme espelho de moldura dourada e gasta, inclinava-se pomposamente sobre um sofá de molas: em uma das paredes laterais, um detestável retrato a óleo de Mme. Brizard, vinte anos mais moça, olhava sorrindo para um velho piano, que lhe ficava fronteiro: por cima dos consolos vasos bonitos de louça da Índia, cheios de areia até à boca.

Imediato à sala, com uma janela igual àquelas outras, havia um gabinete comprido e muito estreito, onde o Coqueiro tinha a sua biblioteca e a sua banca de estudo. Via-se ali uma pasta cheia de papéis, um linteiro e um depósito de fumo, representando o busto de um barbadinho: ao fundo, uma conversadeira de palhinha, encostada à

parede, por debaixo de um pequeno cabicho de madeira com o retrato de Victor Hugo em gravura.

Seguia-se o aposento de Mme. Brizard e o mais do marido, onde também dormia o menino, o Cesar, que teria então dose anos; logo depois estava o quarto de Amelinha e da tal viuva estéril, Leonie, a quem a família só tratava por "Nini".

Vinha depois a grande sala de jantar, forrada de papel alegre; nas paredes distanciam-se pequenos cromos amarelados, representando marujos de chapéu de palha, tomando genêbra, e assuntos de conventos. — Frades muito nédios e vermelhos refestelados à mesa ou a brincar com mulheres suspelias. Um guarda louça expunha, por detrás das vidraças, os aparelhos de porcelana e os cristais; defronte um aparador cheio de garrafas, ao lado de outro em que estavam os molinhos.

Ainda havia um corredor, a dispensa, a cozinha, uma escada que conduzia à chácara, outra ao segundo andar, e mais três alcovas para hóspedes, todas do mesmo tamanho e numeradas.

A numeração dos quartos principiava ali nesses três para continuar em cima. Em cima é que estava o grande recurso da casa, porque Mme. Brizard dividia todo o segundo pavimento em oito cubículos iguais: ficando quatro de cada lado e o corredor no centro. Os da frente davam janelas para a rua e os do fundo para a chácara. As paredes divisorias eram de madeira e forradas de papel nacional.

João Coqueiro, quando saiu do Hotel dos Príncipes na manhã do almoço já preocupado: o Simões, que caminhava a sua esquerda um pouco sacudido pelos vinhos, em vão tentou, repetidas vezes, puxá-lo à parede; o outro respondia apenas por monossílabos e, na primeira esquina, despediu-se e correu logo para a casa.

Ao chegar foi direito à mulher, dizendo-lhe em voz baixa, antes de mais nada: — Olha cá, Lelé.

E encaminhou-se para o quarto. Mme. Brizard largou o que tinha entre mãos e seguiu-o atentamente.

— Sabes? disse ele, sem transição, assentando-se ao rebordo da cama. — E preciso arranjar um rapaz como para um rapaz. Um rapaz! Mas tu sabes perfeitamente que os quartos acham-se todos ocupados. Se tivesses prevenido... o n. 2 ainda ontem estava vazio... Mas quem é?

— Há de se arranjar, seja como for! disse o Coqueiro.

— Mas quem é?... insistiu Mme. Brizard.

— É um achado precioso! Ainda não há dois meses que chegou do norte, anda às apalpadelas! Estivemos a conversar por muito tempo. — É filho único e tem a herança uma fortuna! Ah! Não imaginas: o pé da morte da avó, que é muito velha, creio que a coisa vai para além de quatrocentos contos!

Mme. Brizard escutava, sem despregar os olhos de um ponto, os pés cruzados e com uma das mãos apolando-se no espaldar da cama.

— Ora, continuou o outro gravemente: — Nós temos de pensar no futuro de Amelinha... ela entrou já nos vinte e três anos... se não abrimos os olhos... adeus casamento!

— Mas daí... perguntou a mulher, fingindo a participar da confiança que o marido revelava naquele plano.

— Daí é que tenho cá um palpite! explicou ele.

— Não conheces o Amancio?... A gente leva-o para onde quiser!... Um simplório, mas o

que se pode chamar um simplório!

Mme. Brizard fez um gesto de dúvida.

— Apanço-te volveu Coqueiro, que se a metemos em casa e se conduzirmos o negócio com um certo jeito, não lhe dou três meses de solteiro!

A francesa torcia, e destorcia em silêncio uma de suas madeixas de cabelo preto, que lhe caíam na testa.

— E ele terá fraco pelas mulheres? perguntou afinal. O estudante respondeu com um gesto de convicção, e acrescentou:

— Negócio decidido! A questão é arranjar-lhe o comodo, e já! Tu... fala com a franqueza à Amelinha; a mim não fica bem... olha, até me lembrou dar-lhe o gabinete... Hein? Por pouco tempo... é só enquanto não se desocupa algum dos quartos...

— O gabinete?... mas tão atravancado... e apertadinho!

— Dá-se-lhe um jeito! Arranja-se! Contanto que o nosso homem não deixe de vir: porque, Lelé, lembra-te de que é um filho único, com muito dinheiro e tolo!

Hoje não se encontra disso a cada passo... Se perdemos a ocasião duvido que apareça outra tão boa! Enfim, resumiu ele, — eu já fiz o que tinha a fazer; o resto é contigo! Fala à Amelinha, mas fala-lhe com jeito, tu sabes, pinta-lhe a coisa como ela é... e não te esqueças de arranjar o gabinete. Até logo, tenho ainda que ir 4 ruas mas volto daqui a pouco.

Nessa mesma tarde Mme. Brizard entendeu-se com a cunhada; falou-lhe sutilmente no "futuro" disse-lhe que "uma menina pobre, fosse quanto fosse bonita, só com muita habilidade e alguma esperteza poderia apanhar um marido rico".

E tocando-lhe intencionalmente no queixo:

— Anda lá minha senhora, que sabes disso tão bem como eu!

Amélia riu, concentrou-se um instante e prometeu fazer o que estivesse ao seu alcance, para agradar ao tal sujeitinho.

Ardia, com efeito para achar marido, por se tornar dona de casa. A posição subordinada de menina solteira não se compadecia com sua idade e com as desenvolturas do seu espírito. Graças ao meio em que se desenvolveu, sabia perfeitamente o que era o pão e o que era o queijo; por conseguinte as precauções e as reservas, que o irmão tomava para com ela, faziam-lhe sorrir.

As vezes tinha vontade de acabar com isso. "Que diabo significam tais cautelas?... Se a supunham uma toleirinha, enganavam-se — ela era muito capaz de os enfiar a todos pelo ouvido de uma agulha!"

"Agora, por exemplo, neste caso do tal Amancio, que custava ao Coqueiro, explicar-se com ela francamente?... Por que razão, se ele precisava de seu auxílio, não a procurou e não lhe disse as claras: "Fulana, domingo vem aqui um rapaz, nestas e nestas condições; vê se o cativas, porque ali está o novo que te convém!" Mas não senhor — meteu-se nas encoimas e entregou tudo nas mãos da mulher!

Ora! disse consigo a rapariga. — Isto até não sei que me parece! ou bem que somos, ou bem que não somos!... Se João queria alguma coisa de mim, era falar com franqueza e deixar-se de readininhos por detrás da cortina!

E Amélia quanto mais refletia no caso, tanto mais se revoltava contra a reserva do irmão.

Ele já a devia conhecer melhor! Pelo menos já devia saber que aquela que ali estava era incapaz de cair em qualquer armadilha; aquela não "dava ponto sem nó". Outra que fosse, quan-

to mais ela, que conhecia os homens, como quem conhece a palma das próprias mãos! Ela que vira de perto, com os seus olhos de vírgem, toda a sorte de tipos! — Ela, que lhes conhecia as manhas, que sabia das láticas empregadas pelos velhacos para obter o que desejavam e o modo pelo qual se portavam depois de servidos! Ela! tinha graça!

Ela, que até ali dera as melhores provas de sagacidade e de esperteza, já "convencendo" tal freguês remisso que não queria pagar, nem à mão de Deus padre, o aluguel do quarto pelo preço cobrado; já respondendo a tal credor, que em tal época, veio receber tal conta; já sofrendo tal compromisso. Já resolvendo tal aperto, uma vez em que nem a própria Mme. Brizard sabia o que fazer! E ainda a suportar crianças!... E ainda leriam medo de qualquer asneira de sua parte?... Pois então que se lembrassem da questão do Pereirinha!

O Pereirinha foi um dos primeiros hóspedes do Coqueiro. Rapaz bonito, perfumado, muito prosa. Amélia representava para ele a mesma inocência em pessoa, só lhe falava de olhos baixos, voz sumida, o ar todo candura e vexame. Amélia jurava-lhe uma paixão sem bordas, fazia-lhe versos, tocava-lhe nos pés por debaixo da mesa, e, depois do jantar, quando os mais se alheavam no egoísmo da saciedade, ele a fitava tristemente, pedindo com os olhos fosse lá o que fosse. Pois bem, ela a tudo isso correspondia com muito agrado, submetendo-se resignadamente a todos esses requesitos de namoro vulgar, mas... um belo dia em que o pedaço dasmo do Pereirinha quis ir adiante, Amélia aconselhou-o sorrindo a que fosse pedir em casamento ao irmão.

E quando se convenceu que o tipo não queria casar, disse-lhe abertamente: Ora meu amigo, outro ofício!"

O Coqueiro sabia de tudo isso, tão bem como a própria Amélia, — para que pois aqueles escrúpulos ridículos e amela-dores?...

Só a noite, à costurada palhestra em torno da mesa de jantar, lembraram-se de que o dia seguinte era de grande gala. O diabo! considerou Coqueiro. — E eu que podia ter dito ao Amancio para vir amanhã! Escusávamos de esperar até domingo. — Ora, senhores! onde diabo tinha eu a cabeça!

— Queres saber de uma coisa? disse tomando a mulher de parte. — Vai tu e mais Amélia arranjar o gabinete, que eu escrevo uma carta ao nosso homem; pode ser que amanhã mesmo o tenhamos por cá. Anda, vai! O segredo das grandes coisas está às vezes nestas pequenas deliberações.

E enquanto Mme. Brizard aprontava com Amélia o gabinete, escreveu a carta que Amancio encontrou sobre a cama.

Não descansaram mais um instante. Desde pela manhã do dia seguinte andava a casa em grande alvoroço. Foi preciso varrer, escovar, remover do gabinete os móveis que o atravancavam. Preparou-se uma bela caminha, coberta de lençóis claros e cheirosos; estendeu-se um tapete no chão; colocou-se a um canto o lavatório, encheu-se o jarro que ficou dentro da bacia, ao lado da toalha. E, feito isto, puseram-se todos à espera do Amancio.

Ele até aquelas horas, não havia declarado por escrito se iria ou não, logo — era provável que fosse.

E com efeito, pela volta do meio dia, um liburi parou à porta, e Amancio, muito intriguado com a numeração das casas, entrou no corredor, a olhar para todos os lados.

Um moleque, que ficara de alcáçofa à espera dele, correu logo ao primeiro andar, gritando que "o moço já estava ali".

Cala a boca, diabo! respondeu Mme. Brizard em voz abafada e discreta.

Coqueiro ergueu-se prontamente do lugar onde se achava e ajeitou-se com espalhafato para o corredor, alegre e expansivo, como se recebesse depois de longa ausência, um velho amigo da infância.

— Bravo! exclamava, sacudindo os braços e correndo ao encontro de Amancio. — Bravo! Assim é que entendo os amigos! Não te perdoaria se faltasses! — E com muita festa, a apressá-lo:

— Vem entrando para a sala de jantar! Estás em tua casa! Entra! Entra!

Amancio deixava-se conduzir, em silêncio. Já não tinha o mesmo tipo mal ajeitado com que se apresentara ao Campos; agora, um termo de casaca cinzenta, comprado nesta mesma manhã num alfaiate da rua do Ouvidor, dava-lhe ar de embaixador de janoísmo. Vinha de barba feita as unhas limpas, os dentes cintilantes, o cabelo dividido ao meio, formando sobre a testa duas grandes patas lustrosas e do feitio de uma borboleta de asas abertas. Os olhos não denunciavam os lamentos da véspera, e de todo ele respirava um cheiro ativo de sândalo.

— Estimei bem que me escrevesse... disse atravessando o corredor, ao lado do Coqueiro. Não tinha para onde ir hoje. O Campos está de passeio com a família lá para o tal Jardim Botânico.

— Pois eu estimei ainda mais que viesse. Entra!

Penetraram na sala de jantar. Estava tudo muito bem arrumado e muito limpo: via-se podia desejar melhor aspecto de felicidade caseira; em tudo a mesma aparência austera e calma de uma velha paz inextinguível e honesta. Mme. Brizard, assentada à cabeceira da mesa, parecia ler atentamente um livro que tinha aberto crantemente dos olhos; mais adiante trabalhava Amélia em uma máquina de costura, a rabeta vergada, os olhos baixos, numa expressão tranquila de inocência.

Logo que Amancio apertou a varanda, Mme. Brizard baixou os olhos do livro, deixou cair as lunetas do nariz e recebeu-o sollicitamente; a outra limitou-se a cumprimentá-lo com um modesto e gracioso movimento de cabeça.

O dr. Amancio de Vasconcelos! Gritou o Coqueiro, empurrando o colega para junto das senhoras. E acrescentou, deitando-lhe: — Minha mulher e minha irmã... O amigo já sabe que são duas criadas que tem as suas ordens! O Amancio agradeceu, desfazendo-se em reverências e apertando as mãos de ambas, todo vezado para a frente, as faces incendiadas pela comção daquela primeira visita.

— Põe-te à vontade! fof disse-lhe o Coqueiro, em at quase de censura. — Olha uma cadeira. Senta-te!

E tirando-lhe a bengala e o chapéu das mãos: — Aqui estás em tua casa. Minha gente não é de cerimônias!

Entretanto Mme. Brizard tomava a si com perguntas: — Han quanto tempo havia chegado; de que província era; filho; se tinha saudades da família; se gostava do Rio de Janeiro; que achava as fluminenses; e se já estava embeirado por alguma?

E vinham os risos exagerados e sem pretexto, de quando se desejava agradar visitas.

O provinciano respondia a tudo, inclinando a cabeça, procurando armar bem a frase e fazendo esforços para se libertar de boa educação. Ia-lhe a fugindo o primitivo acanhamento e as palavras acudiam.



## BRIZARD — ALUIZIO AZEVEDO

lhe à ponta da língua, sonoras e lavas.

— Não tenho desgostado da Coito, dizia à brincar com a sua mordida da corrente, mas, confesso, esperava melhor. — Lá de fora, sabe V. Excia.? a coisa parece outra! Pa-á-se tanto Rio! Pintam-no tão grande, tão bonito, que o pobre pro- viciado, ao chegar aqui, logo sofre uma terrível decepção!... Pois meus amigos foi assim!

O sr. Vasconcellos já visitou os arrabaldes?... perguntou Mme. Brizard muito delicadamente.

— Ainda não minha senhora. Apenas fui a Botafogo, de passagem, para entregar uma carta, mas, tenciono percorrê-los, logo na primeira ocasião.

E Amancio olhava a espaços para Amélia, que parecia muito preocupada com o trabalho.

— Pois suspenda este seu juízo a respeito do Rio, até que conheça os arrabaldes, acrescentou a dona da casa. — Só por eles se poderá julgar do quanto é bela e grandiosa esta cidade! Oh! A natureza do Brasil não há coisa nenhuma que se possa comparar!

— Estando-o, depois de um gesto de entusiasmo: — Para um espírito contemplativo e apaixonado, esta esplêndida natureza vale por todas as maravilhas da velha Europa!

V. Excia., parece gostar muito do Brasil.

— Habitue-me a isso com o meu segundo marido... Ele era louco por este país! Quantas vezes, depois que caiu doente e que os médicos lhe recomendaram que viajasse, quantas vezes não o aconselhei a que likquiasse aqui os seus negócios e fossemos viver para a Europa. Já não havia sombra de perseguição política (porque foi uma perseguição política que o atirou no Brasil), não havia razões por conseguinte para não voltar à pátria; não havia razões para se deixar morrer aqui, como morreu!... Pois bem, sabe o senhor o que é e me respondeu sempre! Dizia-me: "Bebê, compreenda um homem apaixonado por uma mulher, a ponto de não a poder deixar um só instante! Compreenda um escravo, um cão? — Assim sou eu por esta natureza! Não a posso abandonar! — estou apaixonado do laço!" entretanto.

Via o Dr. Hippólito, aqui, nunca fui devidamente apreendido e compreendido; nunca recebi a mais insignificante prova de gratidão do governo deste país, que lhe idolatrava aquele modo! Trabalhou muito para o Brasil, e de graça! Estão aí as empresas, os jornais, as sociedades que fundou! Pelo o governo, — nem uma palavra, nem uma consideração, nem um muito obrigado! Se o pobre homem não tivesse gosto de parte algum dinheiro, ficava eu na miséria, perfeitamente na miséria!

Amancio principiava a desconfiar que aquela francesa era nada menos que um formidável "carioca".

Era verdadeira paixão!... Indistincta ela. — Uma paixão que o prendia aqui porque, senhores, Hippólito, se quisesse, podia representar um invejável papel na Europa! Tinha lá o seu lugar seguro, e...

Foi interrompido pelo Cesar que entrara de carreira, mas que escancara de repente ao dar com Amancio. Coqueiro havia se afastado para mandar servir alguma coisa.

Este é o meu Cesar, meu último filho, elucidou Mme. Brizard, e gritou logo — Veni cá Cesar! Vem falar com este moço!

Cesar aproximou-se vagarosamente, com o silêncio de quem observa um estranho.

— Lindo menino! considerou Amancio, puxando-o para junto de si.

— E não calcula o senhor que talvez afirmou a mãe, em voz baixa e grave, estendendo a cabeça para o lado da visita: —

Uma coisa extraordinária!

— Já fez uma poesia! acrescentou João Coqueiro que nessa ocasião, junto ao aparador, enchia copos de cerveja.

— Mas coitado! prosseguiu Mme. Brizard, — não se podes puxar por ele; e sofre muito do peito! O médico recomendou que não o fagassem por ora. E' preciso esperar que ele se desenvolva mais um pouco.

E' pena, disse Amancio com tristeza, afagando a cabeça de Cesar.

— Nunca vi uma criatura para aprender as coisas com tanta facilidade. Nada vê, nada ouve, que não decore logo! que não repita tim tim por tim tim!

— Sim?... perguntou Amancio, com um gesto certíssimo de pânico.

— E então para a música?... Aprendeu a escala em um dia e já toca variações ao piano... tudo de ouvido!

— E' admirável! repetia Amancio, para dizer alguma coisa. Deve estar muito adiantado nos estudos!...

— Ah! Estaria de certo, se pudesse estudar, mas coitado, ainda não sabe ler.

— Ah! fez Amancio, sem achar uma palavra.

— Mas também, quando principiava...

— Irá longe! concluiu Amancio, satisfeito por ter enfiado uma frase. — Deve ir muito longe!

E affiançava que, pela fisiologia do Cesar, logo se lhe adivinhava a inteligência.

— Esta fronte não engana! Dizia a suspender-lhe o cabelo da testa.

— E é travesso?... Mme. Brizard soltou uma exclamação. Não lhe falassem nisso! Só ela sabia o capetinho que ali estava!

Cesar baixou o rosto com uma risada, e Amancio declarou que "a travessura era própria daquela idade!"

E, porque o moleque se aproximava com uma bandeja na mão, cheia de copos, ergueu-se para oferecer um a Mme. Brizard e outro a Amélia.

— Muito agradecida, disse esta, sorrindo. — Sou um pouco nervosa; a cerveja faz-me mal.

— Ah! V. Excia. é nervosa?

— Um pouco. E quem neste mundo não sofre mais ou menos dos nervos?...

E riu de tudo, mostrando a sua dentadura provocadora.

Amancio considerou intimamente que a achava deliciosa. — Um mimo!

E de fato, Amélia nesse dia estava encantadora. Vestia fustão branco sarapintado de pequeninas flores cor de rosa. O cabelo, denso e castanho, prendia-se-lhe no touço por um laço de seda azul, formando um grande molho flutuante, que lhe caía elegantemente sobre as costas. O vestido curto, multo coído no corpo, enluavava-lhe as formas, dando-lhe um ar esportivo de menina que volta do colégio a passar férias com a família.

Era muito bem feita de quadris e de ombros. Espantilhada, como estava naquele momento, a volta energética da cintura e a suave proclerância dos seus, produziam nos sentidos de quem a contemplava de perto uma deliciosa impressão artística.

Sentia-se-lhe dentro das mangas do vestido a trêmula carnadura dos braços; e os pulsos apareciam nus, muito brancos, chamalotados de veiazinhas suculas, que se prolongavam serpeando. Tinha as mãos finas e bem tratadas, os dedos longos e roliços, a palma cor de rosa e as unhas curvas como o bico de um papagaio.

Sem ser verdadeiramente bonita de rosto, era muito simpática e graciosa. Trazia, de uma palidez fresca de camélia, olhos escuros, um pouco peguçosos, bem quarecidos e penetrantes; nariz curlo, um pedrinha arrebitado; beijos polpudos e viçosos, à maneira de uma

fruta que provoca o apetite e dá vontade de morder. Usava o cabelo coado em franjas sobre a testa, e, quando queria ver ao longe, tinha de costume apertar as pálpebras e abrir ligeiramente a boca.

Amancio bebendo aos goles distraído a sua cerveja nacional via e sentia tudo isso, e, sem perceber, deixava-se tomar das graças de Amélia. Já lhe prava a carne o mordente calor daquele corpo; já o invadiam o perfume sombrio daquele cabelo e a luz embriagadora daqueles olhos já o enluava e cingia a doce sensibilidade elástica daquela voz, quebrada, curva, cheia de ondulações, como a cauda crespa de uma cobra. E, enquanto palavrava abstraído com Mme. Brizard e com o Coqueiro, percebia que alguma coisa se apoderava dele, que alguma coisa lhe penetrava familiarmente pelos sentidos e aí se derramava e destendia, à semelhança de um polvo que a alguma sensualmente os seus langorosos tentáculos. E sempre dominado pelos encantos da rapariga, alheava-se de tudo do que não fosse ela; queria ouvir o que lhe diziam os outros, prestar-lhe atenção, mas o pensamento libertava-se à força e corria a lançar-se aos pés de Amélia, procurando enroscar-se por ela, à feição de tenaz vapor do incenso, quando vai subindo e espirando abraçado a uma coluna de mármore.

Coqueiro fingia não dar por isso e, ao tocar com os olhos os da mulher, entre eles corria um raio de satisfação, mais ligeiro que um telegrama.

Amancio, entretanto, quase nada conversou com Amélia; apenas trocaram palavras fúas de assuntos sem interesse. Mas seus olhos também se encontravam no ar, e logo se entrelaçavam, prendiam-se e confundiam-se no calor do mesmo desejo.

Naquela mulher havia incontestavelmente o que quer fosse, difícil de determinar, que não obstante, se entranhava pela gente e, uma vez dentro, crescia e alastrava. O seu modo de falar, as reticências de seus sorrisos, o langor púdico e ao mesmo tempo voluptuoso de seus olhos que espavavam inquietas, através do franjado das pestanas; a doçura dos seus movimentos ofidicos e preguiçosos, o cheiro do seu corpo; tudo que vinha della zumbia em torno dos sentidos, como uma revoadada de cantáridas.

Os instintos mal educados de Amancio latejavam.

Vinham-lhe preocupações. Começava a imaginar como seria a sua existência naquela casa, se ele, por ventura, resolvesse a mudança; calculava situações; encontros inesperados com Amélia nos corredores desertos. Manhãs frias, de chuva, em que fosse preciso gazejar as aulas e deixar-se ficar ali, a "prosar" naquela varanda, no lado de cá, e encher o tempo, a dizer "tolices".

Que tal seria tudo isso?... Seria tão bom que valera a pena suportar as caçoalheiras de Mme. Brizard e sofrer a convivência do tal Coqueiro?... Seria tão bom que merecera a renúncia de sua liberdade, tão sacrificada ali quanto em casa do Campos? Não! não valia a pena! Mas... Amélia?... que sabe lá o que daria de si aquele ladrocinho?

E pensando deste modo, ergueu-se disposto a acompanhar Coqueiro, que insistia em lhe mostrar a casa.

Principiaram pela chácara.

— Olha isto aqui é com vocês!... Dizia o proprietário. — Boa sombra, caramanchões de maracujás, flores, rosego!... Bom lugar para estudo! E vai até o fundo. Vem ver!

Amancio obedecia calado. Parece que se está na roça! acrescentou o outro. — De manhã é um chilrear de passarinhos, que até aborrece. Quan-

do aqui não houver fresco, não o encontrarás também em parte alguma! Cá está o terraço. Sobe!

Subiram três degraus de pedra e cal.

— Vés?... exclamou Coqueiro, parando em meio do pequeno quadrado de velhos tijolos. E depois, com as pernas abertas e um braço estendido:

— Creio que não se pode dessejar melhor!

Desceram em seguida para visitar o banheiro, o tanque, o repuxo e outras comodidades que havia no quintal, e a cada uma dessas coisas — novas exclamações e novos elogios.

Subiram outra vez ao primeiro andar, pela cozinha. Um preito, de avental e bonet de linho branco, à moda dos cozinheiros franceses trabalhava no fogão. Coqueiro exigiu que o amigo olhasse para aquele assio; atentasse para a nitidez das çacaras de metal arado, para a limpeza das panelas, para a fartura d'água na pia.

— A madama, dizia ele a rir-se, com o ar interessado de quem deseja conversar, a madama traz-lhe num brinco! Pode-se comer no chão!

E continuaram a revista da casa. Amancio, porém, já distraído, tinha a cabeça cheia de Amélia.

— Que dentes! pensava, — e que cintura! Que olhos!...

— E' excelente! segredou-lhe o Coqueiro, pondo mistério na voz. Um serviço admirável!

— Hein?... exclamou o provinciano, voltando-se rapidamente para o colega.

— Cozinheiros daquela ordem encontram-se poucos no Rio! respondeu este ainda em segredo.

— Ah! o cozinheiro... disse Amancio.

— Divino! acrescentou o outro.

E mudando logo de tom:

— Cá está a despesa. Compramos tudo em porção, do mais caro, mas também podemos ver a fazenda! Tudo de primeira! Ah! Eu cá sou assim, — mostro! Meus hóspedes não se podem queixar!

E destampava a lata das farinhas e dos feijões, mostrava o vinho engarrafado em casa, as mantas de carne seca ressumbrando sal, o arroz, o café e o resto.

Tudo de primeira! repetia com entonações mercantis, ao passar ao colega um punhado de feijões. — Tudo de primeira!

— E' exato, resmungou Amancio, sem ver.

Isto agora são quartos de hóspedes, murmurou Coqueiro seguindo adiante.

— Aqui em baixo só temos três.

— Neste, disse, mostrando o n.º 1, está o dr. Tavares, um advogado de mão cheia; caráter muito sério!

No segundo declarou que morava o Fontes.

— Não era mau sujeito, coltado! Fora infeliz nos negócios; quebrara havia dois anos e ainda não tinha conseguido levantar a cabeça. E abafando a voz:

— Dizem que ficou arranjado... Não sei! Paga pontualmente as suas despesas, mas é um unha de ferro, "regateia muito, chora vintem por vintem o dinheiro que lhe sai das mãos! Está sempre com uma cara agoniada, sempre se queixando. E agora, vão ver. — Furão como ele só, especula com tudo; tem o quarto cheio de fazendas, fitas e teléas de armarinho; vende essas miudezas pelas casas particulares, e dizem que faz negócio. A mulher, uma francesa coxa, é empregada na Notre Dame e só vem a casa para dormir.

E indicando o n.º 3: — Aqui é o piloto.

— Que piloto? perguntou logo Amancio.

— O piloto, homem! Aquilo reporter do jornal!

Amancio não conhecia.

Ora quem não conhece o Piloto! Um rapaz tão popular.

Um que anda sempre muito li-

geito, olhando para os lados, aos pulinhos, como um calango. Não conhece!

— Amancio disse que sabia quem era, — para acabar com aquilo.

— Bom hóspede! acrescentou o outro. Também só aparece à noite. Não incomoda pessoa alguma.

Bem disse Amancio com um bocejo. São horas de ir me chegando.

— Que?! Bradou Coqueiro. — Tu jantares conosco! Minha gente conta contigo... não te despendamos! E demais, quero mostrar-te o resto da casa. Vem cá ao segundo andar.

O provinciano lembrou timidamente que isso podia ficar para outra ocasião. Mas o Coqueiro respondeu puxando-o pelo braço em direção da escada. Vem para cá! Não sejas preguiçoso!

Depois de subir, acharam-se em um corredor estreito e opressivo pe'o teto. Ao fundo uma janela de grades verdes coava tristemente a luz que vinha de fora, lia-se nas portas, em algarismos azuis, pintados sobre um pequeno círculo branco, as ns. de 4 a 11.

Aquilo tinha aspecto de casa de saúde... pensou Amancio, com tédio.

— Não devia ser muito agradável morar ali. Todos os quartos, entre tanto estavam tomados.

Coqueiro principiou logo, em voz sornata, a denunciar os competentes moradores: — n.º 4. O Campelo, um exaltado, porém bom sujeito, do comércio; não comia na casa senão aos domingos e isso mesmo só de manhã. N. 5. O Paulo Mendes e a mulher: casal de artistas, davam lições e concertos de piano e rabeca; bom moço, tinha o quarto sempre muito assadelado e, à noite, quando voltava do trabalho, estudava clarinete. O n. 7, era de um pobre rapaz português; doente, vivia embriagado em uma manta de lã, por cima do sobretudo, e saía todas as manhãs a passear para as bandas da Tijuca.

A porta do n. 8 estava aberta e Amancio via, de relance, a cauda de uma saia que fuia para o interior do quarto. E logo uma voz aflautada de mulher, gritou:

— Cora! fecha esta porta.

— E' uma tal Lucia Pereira... segredou o Coqueiro — mora aí com o marido, um tipo!

Estavam na casa há muito pouco tempo. Coqueiro não podia dizer ainda que tais seriam, porque só formava o seu juízo depois de paga a primeira conta.

O n. 9 era do Melinho, uma perola! Empregado na Caixa de Amortização; não comia em casa, mas às vezes, trazia frutas cristalizadas para Mme. Brizard e Amélia. Belo moço!

Coqueiro não se lembrava como era ao certo o nome do sujeito que ocupava o n. 10. "La mentosa ou Latembrosa, uma coisa por aí assim!" E' tinha o nome escrito lá em baixo. — Mas que homem fino! Delicadíssimo! um verdadeiro gentleman! E tocava violão com muito talento!

O n. 11 que ficava justamente encostado à janela do corredor, pertencia a um excelente médico, o dr. Correia: estava porém, quase sempre fechado, visto que o doutor só se utilizava do quarto para certos trabalhos e certos estudos, que, por causa das crianças, não podia fazer em casa da família. Vinha às vezes com frequência e às vezes não aparecia durante um mês inteiro; mas pagava sempre e bem.

Esse quarto, como o outro que ficava na extremidade oposta do corredor, tinha saída para a chácara. Amancio propôs ao Coqueiro que descessem por ali.

— De sorte que foi lhe dizendo este pela escada, — a mesa só temos diariamente os seguintes: Dr. Tavares, o Paulo Men-

(Continua na pág. 172)



Retrato de Aluizio Azevedo, em sua uniformidade consular.

## Correspondência de escritores:

### Carta de Aluizio Azevedo a Lucio de Mendonça

La Plata, 3 dezembro 1900.

Meu bom e querido Lucio —  
Deu-me grande satisfação a tua amavel cartinha de 8 do passado, pela qual fiquei sabendo que chegaste bom de regresso à nossa querida terra, onde naturalmente já estarás a estas horas descansado afinal dos banquetes, bailes, corridas e espetáculos de todo o gênero, com que a gentileza argentina estreprou a pobre comitiva presidencial de que fazias parte.  
(1). E terá, com que regalo substituido a tua mesa intima os confraternizadores "foles gras" e as internacionais "mayonnaises" pelos nossos democáticos e saborosos quitutes brasileiros, entre os quais a aliança do camarão com o quimbombô produza, a meu gosto, resultados ainda mais felizes e harmoniosos do que a desejada aliança entre Roca e Campos Salles. — Onde não pode haver sombra de aliança, nem harmonia qualquer, é entre este platônico consulado e o espaventoso e pratico meio em que ele funciona. Esta minha nomeação foi uma vitória de Pyrrhus; eu só podia convir a um homem rico, pois os proventos de tal emprego estão na razão perfeitamente inversa das exigências sociais de La Plata, maxime para um brasileiro, e da escandalosa carestia da vida argentina. E' tão critico o meu aperto que, para te arrancar a doce ilusão de que és o "maior urso e o maior malcriado do mundo", como pretenciosamente

te insinuas em tua carta, vou mostrar-te, por minha vez, o que é saber ser malcriado e ainda por cima impertinente, chodão e pedinchão, encartando, nesta resposta a uma missiva de pura cortezia, nada menos que um pedido de empenho para os altos poderes a cuja orbita pertences. — Ouve, meu Lucio, e diras depois qual de nós dois é o urso malcriado: O nosso amigo Cyro de Azevedo, impressionado com a minha penção aqui, deseja há muito tempo melhorá-la, e agora, sabendo ele que vão vagar infalivelmente dois consulados simples, mas efelivos e de vencimentos fixos, um no Porto e o outro em Salto, escreveu logo ao meu ministro, dr. Olinto de Magalhães, pedindo-lhe que me nomeasse para uma dessas duas vagas, dando preferença a do Porto, porque isso, segundo a optimista opinião do sollicitador, traria a vantagem de poder eu imprimir lá o meu livro já pronto sobre o Japão. — Ora, o Olinto é bom rapaz e já tem declarado a várias pessoas, ter a melhor vontade a meu respeito, mas, como ministro, não gasta de arriscar o menor passo, sem previamente saber por onde é do gosto do presidente que ele ponha o pé, e se eu não tiver aí um amigo capaz de estabelecer a indispensavel corrente de simpatia entre aquelas duas vontades, o pedido do Cyro cairá no arquivio das boas intenções de que não está calçado o parafuso. —

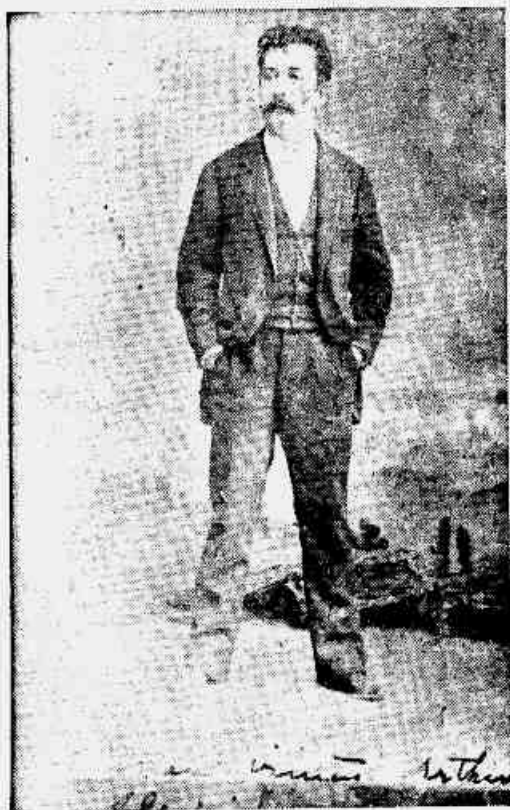
Pois bem, o que eu desejo merecer da tua ativa e fecunda amizade, e da tua bondade, é que, ou seja diretamente, ou seja por intermédio de algum dos nossos mais validos amigos, o Quintino, por exemplo, me arranjes propicio campo para o pedido do Cyro, e consigas tirar-me desta argentina cruz, onde estou crucificado à minha própria custa, pois que o governo nada me deu para a viagem, nem o pseudo consulado me dá para viver. Se conseguires a minha nomeação para o Porto, ou para o Salto, farei-o o melhor obsequio a que até hoje tenho aspirado em minha vida. Não há tempo a perder; se tu quiseses salvar — mãos á obra! — Vou escrever sobre o mesmo assunto ao almirante Pinto da Luz, isso porcm de nenhum modo deve enfraquecer a vontade que por ventura te inspire eu de me socorreres, e se te delecto essa minha intenção é simplesmente porque tal franqueza me parece mais regular. — Desculpa-me a incorrecção desta, tendo em conta que aos afogados não se pode exigir, quando bracejam aflitos, o rigoroso cumprimento das regras do bom tom. — A acode-me! —  
Teu Aluizio Azevedo.

(1) Lucio fizera parte da comitiva do presidente Campos Salles, o qual fora à Argentina retribuir a visita que fizera ao Brasil o presidente general Julio Roca. Lucio era amigo intimo de Campos Salles.

## Duas poesias de Aluizio Azevedo

SELOS

DURA LEX



Retrato de Aluizio Azevedo, com dedicatória do seu irmão Artur.

A Rodrigo Octavio

Pedistes selos? ... Pois selos  
Tereis os que apoteocades,  
Escarlatados, amarellos,  
Azues, e roxos, e verdes;

Tê-los-eis grandes, pequenos;  
A fartar postos á escolha,  
Uns melhores, outros menos,  
Uns velhos, outros em folha.

(Mandar prefiro os antigos,  
De velhos, cansados povos,  
Pois os se'os, como amigos,  
Mais valem velhos que novos).

Tê-los-eis dos mais legitimos  
Desde o tempo dos Henriques,  
Em Reis, Centavos, Centimos,  
Em Chillings e em Peniques;

Tê-los-eis com vários bustos;  
Tê-los-eis de vários auras,  
De imperadores vetustos  
E chefes republicanos;

Tê-los-eis de vários gostos,  
Firmados em linguas várias,  
Mostrando diversos rostos  
De personagens lendárias;

Rostos de moços e velhos,  
Que humildes povos incensam  
E de importantes fedelhos,  
Que já reinam e inda não pensam;

De rainhas primitivas,  
Que a nós só constam de Historia,  
E d'outras que estão bem vivas,  
Como a Rainha Vittória;

De Colombo e sua roda,  
De Santo Antonio e do Papa,  
Pois, depois que o selo é moda,  
Já ninguém no selo escapa.

Apenas receio, amigo,  
Que, á força de mandar selos,  
Fique eu doido, e vós comigo,  
A força de recebê-los!  
Vigo, 14 de junho de 1896.

Nós éramos três a bordo,  
O marido, o outro, e eu;  
A mulher, se bem recordo,  
Fleura em Montevideú.

Quando a saudade da ausente  
Apertou mais forte aos dois,  
Fizeram-me seu confidente,  
Um primeiro, outro depois;

Tristezas e desconsoles,  
Anelos de tornar a ver,  
Ou coisas de virar miolos  
E por o sangue a ferver;

Tudo, tudo nos meus ouvidos  
Velo ter, por entre ais  
Mais ou menos compungidos,  
Quer legais, quer ilegais.

— Ai que santa! — um me dizia,  
E o outro: — Que mulherão!  
E eu por fim também gemia,  
Mas por diversa razão.

— Tão divinos são seus modos,  
Que ao beijá-la, ai! penso em Deus!  
— Do mundo os pecados todos  
Não valem um beijo dos seus!

— Da vida daria eu cabo,  
Se Deus a chamasse a si!  
— Daria uma perna ao diabo  
Para a ter um instante aqui!

Eu nos dois reconfortava  
Com frases de igual ardor,  
Do evangelho a um falava  
Palava ao outro de amor.

Que infeliz marido ausente!  
E o outro? Inda mais talvez...  
Mas eu era certamente  
O mais infeliz dos três!

Nápoles, 1908

## Pensamento de Aluizio Azevedo

COMPENSAÇÕES — Tudo neste mundo tem a sua consequência, o seu séquito próprio de misérias, o seu acompanhamento natural e espontâneo — a gloria tem a vaidade; o amor o egoismo; a podridão o verme. E' a lei fatal dos contrastes e dos extremos torçados: não há sentimento que não tenha uma extremidade na terra e outra no céu, um pé no berço e outro no túmulo, um olho na luz e outro na treva.



Pensamentos de  
Aluizio Azevedo

## O REVOLTADO — COELHO NETTO

A PAIXÃO — A verdadeira paixão é selvagem, grosseira e egoísta, porque a delicadeza, a civilidade e a sociabilidade são obras do homem ou meras conveniências sociais, e a paixão é um elemento anti-civilizatório, criado pela natureza. O amor, saindo da boca de Deus para o coração do homem — é esse o único ponto de contacto com o inferno. Esse verbo eterno não conhece leis, nem pátrio, nem senhor, como não conhece subordinação nem variedade, e é um, único e eterno: — é o verbo ser da natureza. Deus criou-o para o mundo e não para o homem — este como a feia, o reptil como o passarinho, animam da mesma forma.

O SONHO — Vezes há, que durante o sonho, a despeito da nossa honra, roubamos, a despeito da nossa coragem, choramos aos pés de um inimigo, e a despeito do nosso amor, matamos o próprio pai ou irmão. E o — eu — independente e arbitrário dos sonhos faz-nos, caprichosamente assassinos, ladrões e covardes, sem por isso ter nenhuma responsabilidade em estado.

EMPREGAÇÕES — O ar sempre transmite a quem o respira o caráter do lugar em que se acha, como no leite a ama transmite à criança que amamenta, todos os seus males físicos e morais. Para fazer um homem mau é bastante obrigá-lo a respirar com os maus.

O RISO — Os lábios sempre guardam rindo, quando os olhos acham quem o coração pratica.

Os mais íntimos de Aluizio — e eu tive a fortuna de ser um deles — sempre celebraram que homem tão bem dotado — um apolíneo: belo e robusto, empilhado de adlela e mente esclarecida, de uma formidável capacidade de trabalho, metódico como um astrô, — fosse o mais árido dos céticos, o mais indiferente de todos os artistas do seu tempo.

Nunca nele senti o entusiasmo, nunca o vi vibrar de emoção sobre um período que lhe salisse da pena agul. Tudo fazia a frio, sem a exaltação, que, de certo modo, compensa o sofrimento com que a Arte tortura aos que mais a servem e estimam.

Lembro-me do tempo em que, para escrever "O homem", andando à procura do "documento humano", ele frequentava estalagens, lá às pedreiras familiarizando-se com cavouqueiros, comia em casa de panto, à mesa ruidosa dos trabalhadores, conversava-os estudando-lhes o tipo, os costumes, a linguagem, surpreendendo-lhes os instintos, rindo com eles, à larga, ou retratando-se comovido quando os via acabrunhados.

Sua ceda e lá ia à falma. Regressava à noite cansado, aborrecido e, atirando à mesa, a sua grande e sempre ordenada mesa de trabalho, as notas que tomara, despiu-se às pressas corria ao banheiro para tirar de si o cheiro "do suor honrado".

E mostrando, com desprezo, a papada cheia de gararubas a lapis, dizia ledioso:

— Eis o meu dia. Tenho aí material para dois ou três capítulos.

Não falaria com tanta indiferença um lenhador que voltasse do mato com uma carreada de troncos ainda vertendo seiva e os empilhasse na eira.

Aluizio considerava-se um "malogrado":

"Escrevo por força da fatalidade, como claudicaria, se houvesse nascido como: impulso de genitura, não de ideal. E' o destino que me aferra a esta mesa, que me debruça sobre estas tiras. Assim como descrevo um episódio ou uma paisagem e desenvolvo um diálogo, cortaria pegos de fazendas ou mantas de carne seca se tivesse vindo fadado para o comércio. Vim consignado às letras e aqui estou, falido. A sociedade não admite vadios, todo homem tem de dizer a que veio, que faz, como e para que vive. Eu, a tais perguntas, respondo com o primeiro livro que acho à mão.

— Mas tu não tens razão de queixa. As letras foram-te sempre propícias, desde a tua estréla, no Maranhão, com "O mulato". Surgiste com Minerva: armado e vitorioso.

— Pois sim, repontava ele, encolhendo os ombros largos: vitoriosos como Pyrrho, com os meus elefantes de papel. O resto é que é. Escrever para quê? para quem? Não temos público. Uma coleção de dois mil exemplares leva anos a esgotar-se e o nosso pensamento, por mais original e ousado que seja, jamais

se librará no espaço amplo: voeja entre as grades desta gaiola estreita, que é a celebrada língua dos nossos maiores.

"Camões se houvesse escrito em francês, o poema típico do Renascimento não seria a "Divina Comédia" e sim os "Luzias". E que é, em verdade, essa obra prima? o monumento de um povo, quando podia ser o padrão de toda uma era, tão ao porque foi fundido no metal pesado e tão arrevesado à cinzeladura que só se presta, quando muito, à obra de macha marítimo. Escrever, para quê? para quem? Semeia-se a má fúria, mas o solo, quando não é pedregoso, é de mau brávio e a sementeira mirra ao abandono ou perece sufocada: indiferença ou analfabetismo.

"Dão-me as letras para viver, mas eu é que sei como vivo! Digo-te apenas que no dia — que, aliás, não espero — em que conseguisse alguma coisa que me garantisse o teto e a mesa, deixava de mão pena, papel e tinta e todas essas burundangas que só toem servido para incompatibilizar-me com o clero, a nobreza e o povo. De letras estou até aqui! Os editores enriquecem com os fazendeiros de outrora: à custa dos escravos, O Garnier, por exemplo: dizem-me que tem milhões e dá-me seiscentos mil réis chorados pela edição de um romance. O meu ideal é um emprego público, coisa aí como amanuense ou escrivão, com vencimentos certos".

Feliz ou infelizmente teve o escritor mais do que desejava, não tão cedo que nos privasse da riqueza das suas obras, mas, ainda assim, prematuramente, porque muito mais nos poderia ele ter legado para orgulho nosso e glória maior do seu nome, se o governo, atendendo ao seu mérito e às suas constantes reques-  
tas, não o houvesse despachado consul.

A Aluizio faltou sempre o estímulo da Esperança que, apesar de mentirosa, é quem nos conduz, a nós, homens de sonhos, é quem nos alenta, quem nos ampara nos desfalecimentos, quem nos ajuda a carregar a cruz no topo da qual está inscrita a palavra: Glória. Ele não a conhecia e quando lhe falavam em lauréis sorria ironicamente passeando pela sala a largas passadas, de mãos nos bolsos das calças, cabeça baixa, fumando no seu cachimbo de cerejeira.

Não contava com o amanhã. Vivendo dia a dia, encerrava o seu expediente dentro das vinte e quatro horas, começando sempre, como o sol.

— Porque não havemos de ter uma luz fixa, quero dizer: um capital, que nos garanta o conforto indispensável à vida? Vendemos um livro por uma ninharia e o produto vai-se num instante. Caminhámos ao claro efêmero do relâmpago: um segundo de deslumbramento e meses de escuridão. E é isto a vida literária! Futuro! Que futuro pode ter uma obra escrita na areia da praia, com os cânticos de Anchieta? Tivesse eu certeza de que uma só das minhas páginas viveria e ficaria contente... Mas não se vive em túmulo e o português... Não vale a pena. Anchieta, ao menos, tinha um leitor — o mar. E eu?

— E' pessimista, Aluizio.

— Um revoltado é o que sou. Se eu desse à costa em uma ilha deserta, como Robinson, e achasse meios de escrever, escreveria e com mais certeza de ser lido no futuro do que escrevendo aqui... em português. Não vejo vela no horizonte desta língua, nunca vi! E alongo os olhos desesperadamente com ânsia de salvação...

O que resta do cético aí está a quem o arrancou do exílio, quem o trouxe pelos mares do sul, e o vai acompanhar, ao longo dos arcos do Norte, até à sua terra natal, que é também minha, é essa mesma Glória que ele proferia pelo conforto (?) de um consolo, no qual se entregou de corpo e alma.

Sempre me pareceu que ele falava sinceramente, quando deplorava o seu destino desprezando a pena e a língua que ele tanto elevou nas suas obras.

Hoje, porém, estou certo de que, desde que ele assumiu o seu cargo em Vigo ou em Cardiff (não sei bem por onde começou) teve saudades do seu canto de trabalho e dos dias difíceis que viveu como simples marcador de sonhos.

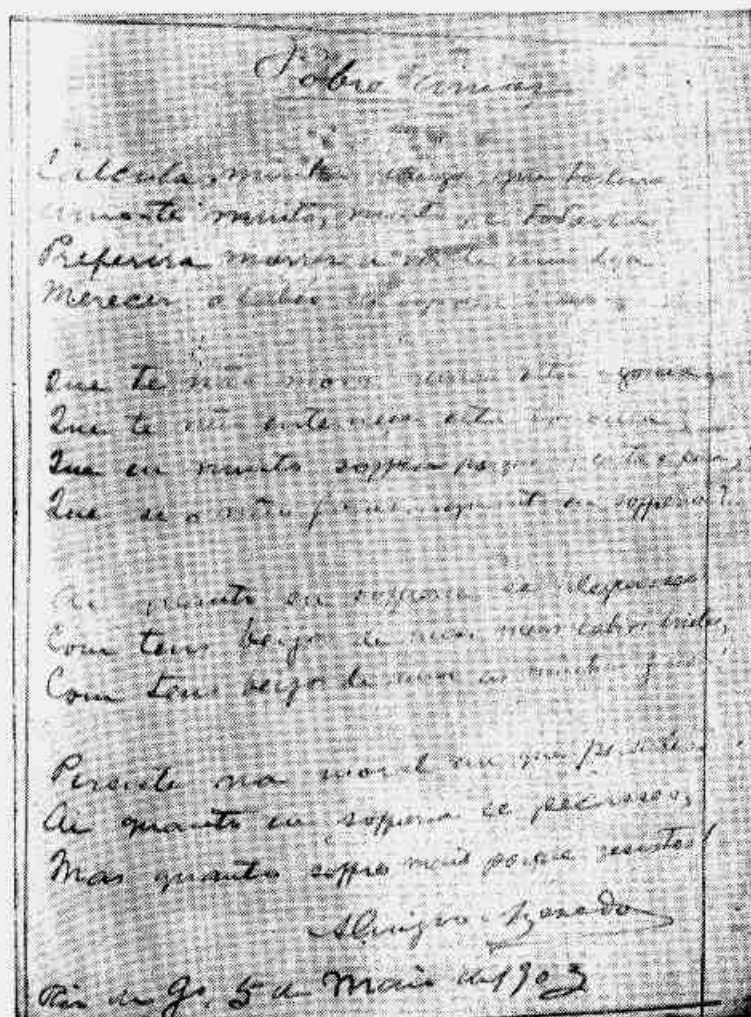
Os que o visitaram nos últimos tempos notaram-lhe os modos ásprios, o ar sombrio, e crises longas de melancolia. "Está neurótico", diziam.

Pobre Aluizio! O que ele tinha era saudade da sua Arte e, talvez, temor do que dissera da língua na qual, escrevendo aos amigos, recordava a pátria, desejoso de revê-la, de nela ainda viver à sombra das suas árvores, sob o azul do céu dourado pelo sol que ele decanhou n' "O homem".

E aí-lo aí na urna do Tempo, não inerte, como estão no estado os despojos do seu corpo, mas em espírito, enérgico e vibrante, graças a essa mesma língua que ele tanto detestou em vida e que o levanta da morte em ascensão gloriosa.

9-10-1919.

## "Fac-simile" do soneto "Pobre amor" de Aluizio Azevedo

Pensamento de  
Aluizio Azevedo

O SOL E A SOMBRA — Todo e qualquer obstáculo, por mais mesquinho e miserável que seja, produz uma sombra relativa. Subtraíam todos os mundos, todos! que o firmamento fique um nada infinito. Então deixem brilhar unicamente o sol, isolado e egoísta. Só ele! e a sua luz a perder-se pelo nada. — Não se pode certamente julgar mais completa e inteira luz; pois bem, tragam depois um grão de areia, um só! coloquem-no de frente do sol e será perturbada essa imensa pureza da luz! Um mesquinho grão de areia contra a enormidade da luz do sol! Todavia o grão da areia será uma sombra!



Retrato de Aluizio Azevedo, quando, no Rio, escrevia seus romances.





# A obra de Aluizio Azevedo — Alcides Maya

(Da Academia Brasileira)

Se o romantismo repetiu em sua natureza tropical vultos e personagens do europeu, também os nossos naturalistas importaram dos Franceses psicologia e idéias.

Quando, em 1880, editou "O Maluco", romance de tese, correspondendo simultaneamente ao espírito de reforma realista, que a assaltava a língua portuguesa nos inquietos ironismos de Eça, no problema absorvente do sangue negro, a gotear sobre a sociedade brasileira por suas veias forçadas e úlcéricas da raça, o escritor maranhense soube esperar as esperanças com o tempo e a grandeza da nossa gente.

Em Rio, no Rio, para onde o autor do êxito excepcional do "Maluco" e famoso volume de publicações de varia marinha, poesias, romances, contos, crônicas, folhetins, resolveu dar a sua obra um caráter geral, com o intuito de livros seriados, e as personagens se ligassem a uma nacional, espelhando-a no trabalho, que teria por nome "Brasileiros antigos e modernos", constava de cinco volumes, todas amoldadas à "Casa de Pensão", "O Cortico", "A Loureira", "A Favela", "A Loureira" e a "Bola Preta".

Aluizio, inseriu-o "A Sema" em suas colunas e o divulgou ao próprio autor.

Aluizio, principia no tempo da decadência e prepara para o leitor de 1885 ou talvez 1890. Mas contava que estes 2 volumes não vividos lhe fariam uma coisa política de valor, precisava para fecho do trabalho. Tencionava pintar as épocas distintas, durante o Brasil se vai transformando até chegar, ou a um estado de desmoronamento político, social, ou a uma completa regeneração de costumes, impulsionada pela revolução. O primeiro romance "O Cortico", nos vê um colono analfabeto, de Portugal vem com a mulher trabalhar no Brasil, trazendo consigo uma filha pequena. Esta criança vem a ser a "menina do cortico", um dos tipos mais acentuados da obra, o qual será ligado intimamente a um tipo novo, o "menino do vendedor amancebado e a preta". O colono deixa a mulher por uma mulatinha, e do novo enlace surgem o "Loureiro" e a "Loureira"; portanto este grupo o tipo do "amador", o pai avô do colono, que mais tarde é chamado de malta e força ativa das eleições. Ligado a este chefe de malta está um tipo que se chama com ele: o antigo Conselheiro de Estado, político formado durante a minoridade de D. Pedro II e graduado nos seus serviços à causa da República mineira. Do Conselheiro nasce a "família brasileira", composta de quatro filhos, a saber: o chefe, Conselheiro de cinquenta e tantos anos, conservador e lírico; a filha deste, senhora de quarenta, muito apaixonada pela "família dos Girondinos" de Lafayette, sonhando reformas e lamentando não ser homem para desenvolver o que ela julga possuir de ambição política no seu espírito; a filha, moça de vinte anos, prática e inteligente, vendo sempre as coisas pelo prisma das comodidades e das conveniências sociais; o filho, rapaz de dezesseis anos, presumido filósofo e muito convencido de que está superior de toda a ciência de Augusto Comte.

Sobre esta família que tem de pai o Felizardo e a Loureira e nesta família que a Loureira vai buscar o amante, o filósofo de dezesseis anos, a quem não valera toda a teoria científica de Comte e Spencer, e que dará um dos bilrotas da "Bola Preta"; enquanto que o

Felizardo, conseguindo casar com a filha do Conselheiro e conseguindo, uma vez rico, fazer carreira política, vai influenciar nos destinos do Brasil e comprometer a posição do monarca, como se verá no último livro.

Cortemos a citação: semelhante família seria, afinal, nos trópicos, um ramo piloso da árvore genealógica dos "Rougem-Macguint".

O documento é preciosíssimo, porque ilumina sem artifício, com a verdade de uma tira ainda úmida de tinta, arrancada à pasta íntima do artista, os propósitos, os processos, as idéias, a visão estética de Aluizio Azevedo e da sua roda.

Na execução o escritor emendou, desenvolveu ou restringiu o projeto. A "Filha do Conselheiro" passou a chamar-se "O Homem", "Pombinha" substituiu a "menina do cortico", no desempenho de um papel modificando, o político do Império, revolucionário em Minas, conservador nas últimas dias da Monarquia — e lírico da Memória — a Propaganda — limitou-se a alisar de passagem no "Coruja" a figura alva, de aristocrata colonial, ao lado da loura, convertida numa histérica, o presunido filósofo cantista tornou-se um mancebo rapaz, formado em medicina, e a teoria dos capadócios e capadócios resumiu-se, sem complicações políticas, num admirável estudo de costumes. Mas, a partir daquele esboço, e não citando os livros em que, por desluzido, o escritor se colocou entre Walter Scott e Pouson, todos os romances de Aluizio, com exceção do derradeiro, o "Livro de uma serra", tem a chance do "político". O que, sob a influência do mestre, ele pretendeu analisar não foi a formação, foi a dissolução da família brasileira, limitada a certos usos, tipos e aspectos da antiga Corte. Assim, após a deformação otimista ou sentimental da sociedade pátria, pelos românticos, tivemos a deformação pessimista, carnal, nos livros de Aluizio e dos que o imitaram. Nas peças que correspondem ao referido plano, há apenas a preocupação da cor local, o apanhado minucioso de hábitos individuais pintados à vista, e de vícios, enfermidades, e crises expostas com espírito clínico ou judicial. Em todas patenteia o autor poderoso talento, prejudicado não tanto pela técnica realista, quanto pelo espírito da escola, — inclinado às brutalidades do instinto e ao predomínio do mal. São relatórios dialogados, em que numerosos lances de sobrio relevo artístico revelem com outros iguais a peça de processo e a taboleta hospitalares. Imaginemos um momento que "João Coqueiro", na "Casa de Pensão", não houvesse assediado a "Amância" após a absolvição deste pelo Juri; sem o desfecho dramático, improvável, que é a cena "menos naturalista" do volume, pois, em suma, desmente o passado da mulher, o livro não merecia o nome de romance, seria uma simples crônica bem animada e escrita com esmero. No "Homem", a situação preambular, um amor entre irmãos ignorantes de sua germanidade, melhora a transformação Aluizio, mercedo do naturalismo, em extensa comunicação de manócio sem a breza dos sonhos de "Mágda".

Apesar disso, quanto diagnósticos e receitas "O Cortico" é o mais perfeito dos seus romances. Vê-se a habilidade com que o artista aplicou os seus princípios estéticos. De mais, uma luz forte de simpatia e de justiça bonha os quadros, os protagonistas, os companheiros, a multidão de desheredados que ali se agitam. Aluizio

sofreu, como homem e como brasileiro, ao medir a extensão da genia pululante, de onde, amodando sofrimentos alheios, "João Romão" ascendeu à fortuna e às comendas. Que satira cruel, a "Bertoleza"! "O Cortico" resume as melhores qualidades literárias do escritor: é completa, e bem estilizada a pintura da vida, os caracteres surgem interiores, os pormenores principais estão agrupados harmonicamente. Por infelicidade, nota-se a espaços demasiada no rebatimento do homem do povo, imerso numa lama inútil, quando não prejudicial à observação dos efeitos gerais. Mas que poder descrever! A luta de "Firmão" com "Jerônimo" agita a imaginação do leitor: baila e canta na página o "chorado" em que a "Rita Baiana" fascina o português com a sua graça serpentina; e que originalidade e leveza no traço ardente desse perfil! Entretanto, a grande criação de Aluizio Azevedo é outra, é uma figura sombria, criada comiravelmente a sofrimentos de tragédia interior, é um ser humilde, feio e miserável, quase "Alceste", meio "Quasimodo", triste como a dor, grande como um protesto atirado ao destino, é o "Coruja".

Esta criação de arte, que roça pelo símbolo, não tem rival no romance brasileiro. A verdade de pessoal junta a poesia amarga de um combate sem tréguas com a sorte injusta. Ergue-se na existência como a imagem do dever e o dever que o esmaga; a sua única ventura é a bondade e cheia a vaidade dela, a odi-la; o amor é o seu sonho de todas as horas e só inspira aversão; possui todas as virtudes que o atraem, que o condenam a derrota, que o matam. Ah! que pena sentimos pensando no que poderia ter sido "O Coruja", se Aluizio Azevedo houvesse compreendido o valor, excepcional na sua obra, dessa criação! E o seu volume mais desculdado, talvez o único de que desdenhar. Dá-nos a impressão de ter sido composto às pressas, sobre o joelho. Registram-se casos assim na vida literária: — quem soube penetrar em tantas consciências, não se entendeu a si mesmo.

Do rumo que o seu talento poderia ter seguido, sem as lições de Zola, deparamos seguro indicio nas primeiras produções e nos contos.

Naquelas, há em germe um idealista. Aluizio apareceu no Maranhão com o romance "Uma lagrima de mulher", primeira romanesca ao sabor francês, lembrando a poesia da "Graciosa" de Lacerdine, e de "Paulo e Virginia" de Saint-Pierre: rochedos de Lipari, casbre de pescadores, figurilhas ingênuas em marinhas soalheiras. A essa quadros, tão repassados de romantismo, nem faltou, para fidelidade de caracterização, "Castor", o cão amigo, deitado aos pés de Miguel, um artista rústico, enquanto o rapaz lia contos sentimentais ou executava músicas da sua imaginação, como "Teu nome". A paisagem não é da América, nem das costas da Itália, nem da Ilha de França; pertence à escola romântica. E os personagens? Três únicas figuras em primeiro plano: um velho aspero, que cisma, uma devota, que reza, uma filha, que suspira; e lá ao fundo, meio escondido nas névoas do poente, um vulto a esbater-se nas linhas do horizonte, um homem chorando, abraçado a uma raibeca. — E o amor que, mais tarde, sob as inspirações de Zola, havia de aparecer apenas como instinto, e, menos que isso às vezes, — como um recurso de luta feroz na vida — o amor era culto, adoração e recordação, nas imagens de artista in-

capiente, aquelas plantas orientais que tanto mais perfume exalam, quanto mais grosseira for a mão que as tritura; amor que se compraz em representar-se na morte, para, insólito e invisível, ir à noite deltar-se à solira da casinha branca amada.

Neste romance, que tem todos os defeitos do gênero e da juventude, a crítica seria capaz de mostrar alguns atributos que, infelizmente, não foram cultivados na segunda fase. Eles transparecem nos contos. Um livro de pequenas composições encerra sempre fiagrantes de alma, fantasmas, reminiscências, julgos sinceros sobre o homem e a vida. Quem escreve contos se confessa... Nem sempre o faz o romancista, ou, se o faz, quase sempre foge às análises diretas da personalidade. No romance, intenções gerais, superiores à página, dominam o trabalho e o apuro no desenvolvimento das idéias apaga as notas particulares, os apontamentos os fins.

Aluizio não é o único escritor cujo temperamento se denuncia mais claramente no conto que no romance. Dentro do próprio naturalismo, cuja estética exagerou a impossibilidade dos autores em relação aos entrecos, há exemplo disso. Há, entre outros, o de Eça de Queiroz, em língua portuguesa.

Na crônica, no folhetim, na simples novela de improviso romanesco, o grande e querido Eça é um amigo a conversar conosco, a dizer-nos em frases finas e tocantes, com verdade e sentimento, o que pensava do amor, da glória, da beleza, da bondade... Há em França e de Flaubert, que só era absolutamente perfeito quando se resumia, o de Maupassant, que se retratava de corpo inteiro em dois ou três períodos de uma anedota original, o de Daudet, cujos romances pareciam contos grandes, o de Anatole, que tão sutil e adoravelmente sabe fragmentar na insidia de mel d'úzia de linhas, as maiores paixões humanas. Zola, esse ignorante sempre a arte de fazer contos... Inclinado às apoteias, desprezava as historietas... Aluizio dedicou-se caprichosamente ao gênero. Era um "conteur" nato. Último lance!

Aluizio dedicou-se ao primeiro narrativo. Fluideza, simplicidade, cálculo de efeitos, ideia final, imprevista, mas impressionante, de acordo com as anteriores, há tudo isso no conto. Outro escritor, menos habil, talvez houvesse levado o jogador a perder a última parada. Aluizio matou-o. Te-lo-ia feito Maupassant. Nas coleções publicadas, a melancolia. — Uma branda melancolia dissimulada quase sempre em tom levemente facetado, — sucede uma jovialidade de forte, que às vezes se empana em repente amargo. "A Serpente", que ampliada, nos deu o "Livro de uma serra", "O Maderero", "O Maccac Azul", "Impenitente", esses e outros despenham o Aluizio trônico; "Pelo Caminho", "Vícios", "Inveja" revelam o Aluizio comovido, — um Aluizio bem diferente nos dois casos do observador cruel dos romances realistas.

E tempo de resumir, senhores: Aluizio não reuniu num mesmo de entidades sintéticas os aspectos físicos e morais do nosso povo. Fato que merecia registro: o personagem é verdadeiro e não o é a sociedade a que pertence. Estes homens e estas mulheres andam, vestem, falam, agem, à moda do tempo e o tempo, como espírito, não está neles.

O meio em que agitam é monótono, limitado, quer enverguem o rodage de linho branco de jantarinhos domingueiros, no remanso burguês do arra-

balde, onde inda impera a cadeira de balanço das nossas varandas de fazenda, quer afremtem a luz dos salões elegantes, ou enxameiam boêmios nos círculos de vida irregular. Salva-o o estílo, amável e sóbrio, e a forma, nítida, espontânea, e uma palavra, artística, embora de quando em quando lhe falece o labor. Há críticos entre nós (atenientes fora da Atica), que a cada instante aludem à simplicidade. Um sorriso responderá dessa banda à nossa observação... Mas, também deixamos aqui algumas reticências... A simplicidade não é assim tão simples... O entulho na madeira, a rendinha no granito e o estriamento no mármore são requintes de forma.

Será absurda a caledral gótica pelo misticismo aparentemente inextricável das linhas, dos adornos e das massas? Vêde bem, ó tropicais helenos, que não desmerece a coluna quando a riscam em caneluras e a enfolham de acanto! Nem o erivo miudinho da traça a devorar livros e livros alheios, é perfeitamente simétrico.

Aluizio, quando queria, trabalhava a burl. Trabalhava assim as suas melhores passagens. Querias páginas bem estilizadas de sofrimento? Lede as que pintam a morte do Português lúcido do n. 7, na "Casa de Pensão", a evocar durante a agonia a adeida longínqua da infância. Prefira um trecho americano, torpente como a nossa natureza? Abri o "Cortico": tendes ali a luz do maldito, o calor vermelho das sessas das fazenda, o aroma quente dos trevos e das bamulhas, a palmeira virginal e esquivu, o veneno e o aqurar gostoso, o sapoti mais doce que o mel, a casinha do cajú, que abre foridas com o seu azeite de fogo, a cobra verde e traçoira, a lagarta viscosa, a muriceca doída... Isso e mais que isso nas esveltes bruna, no serpentar gracioso, na irresistível dengue de "Baiana".

Sim, Aluizio era um artista. Vitimou-o o excesso de produção, o tempo, o meio. O seu caso é mais ou menos o de todos nós. Vivemos na América e respiramos a atmosfera de uma época infensa a arte. Entretanto, quantos sonhos pairavam sobre aquela valente pleiade de artistas! Celamos ao encanto de exalar à distância de alguns metros a sensibilidade congênita que tentavam dissimular. Tocante contradição: Aluizio e os seus companheiros afetavam o culto da realidade e eram finamente espirituais; sabiam de cor "Une Charogne", cortejavam a "Bête Humaine", em caixa alta, reduziam tudo à força e à Matéria e iam tremulos de comoção Michelet, Quinet, Saint-Victor, Victor Hugo, e vibravam na cruzada artístico-boémia de Patrocínio e devoravam depois os manifestos republicanos, traçados entre o busto de Washington e a figura simbólica, de barrete trígido, da Liberdade (também com malíscula)... A Realidade! Essa, conhecemos-la nós, das gerações seguintes, cuja adolescência alvoreceu não entre utopia de doutrinários de fora, mas nas dores da ação, quando, dobradas as páginas dos poetas, dos publicistas, dos filósofos e dos sociólogos estrangeiros, vimos a pátria despolada de ficções, sem atavios imaginativos, com a poesia das palmeiras e dos sabiás subaltada por impressões de deserto a vencer e com o prestígio das lendas arranjadas romanticamente, desfeito nos impulsos tumultuários de um povo que afinal desperta e compreende... Mas, como aqueles irmãos mais velhos (lúcidos sobre si mesmos) saberemos manter co-

(Continua na página 172)

# HISTÓRIA DE "O

Celso Magalhães, em 1873, em São Paulo, na Faculdade de Direito, cursando o curso jurídico, regressa ao Maranhão, sua província natal. Na capital pernambucana, encontra um belo renome de escritor e jornalista; escreve romances e artigos políticos, de crítica literária; publica, num jornalzinho, de artigos a primeira contribuição literária ao estudo científico do nosso folclore; bate-se pela libertação dos escravos; esportava os contemporâneos com o equilíbrio de suas pregações ideológicas; e escrevia, ainda no último ano de sua existência, poucos anos após a súbita e inesperada plúvia de Euzébio de Almeida, um romance de forte originalidade, trabalhado segundo os cânones da nova escola literária: "Um estudo de temperamento".

Ao chegar a São Luiz, de volta da Corte, em 1878, Aluizio Accredo encontra Celso Magalhães em plena atividade intelectual e fecunda, criando uma mentalidade nova em Maranhão; Celso, irradia e cultiva com a sua tradição de triunfos conquistados em Recife, lograra reunir em torno de sua figura um grupo de rapazes de talento aos quais comunicava os conhecimentos de sua inteligência emancipada. A esse grupo Aluizio não tardou a filiar-se. E, em contacto, teria influência decisiva no destino de suas ideias e de seus processos de escrita.

Foi esse tempo o jornal mais lido em Maranhão: "O País", fundado e dirigido por Teófilo de Azevedo, pai da futura obra de "Canadá". Com o pseudônimo de Salepico, Celso escrevia, frequentemente, nessa publicação, artigos interessantes sobre política, arte, literatura, etc. Celso, em suas ideias mais novas e mais rebeldes, rompeu de S. Paulo, seu amigo, publica, na "Opinião", de B. de Matos, um artigo — "O Evangelho e o Simbolismo" — para o qual Celso escrevia o prólogo. As ideias rapidamente nesse período abraçaram a parábola. E surge uma resiliante polémica no decorrer da qual Celso responde, com autoridade, ao padre Raimundo Aires da Figueira e ao cônego J. de Gardêlia Mourão.

A discussão flutua pela influência dos sacerdotes, Celso Magalhães, no entanto, começa a ser tratado com certas reservas pela sociedade burguesa de São Luiz do Maranhão. Constitui realmente uma invariável mudança, na cidade conservadora, a atitude rebelde do livre pensador. São Luiz tem uma grande respeito pelo clero e pelas regras da igreja. Nos dias de então, quando o seu bôzo saía à rua, enquanto bimbavam festivamente os sinos de todas as igrejas, o povo crendia-se ajoelhava na rua por onde o prelado passava. A respeito do Regimão, de tão nobres intuições, franzava lamentavelmente, porque São Luiz, educada no temor da igreja, se compadecia daqueles padres espúrios da cidade pela cólera dos revoltados. Tem raízes profundas, como se vê, o respeito do povo anfitrião pelos rituais católicos. A religião era uma coisa que não vêia os desmandos dos clérigos espúrios. Celso Magalhães começa a sentir, pouco a pouco, na sua terra, o descontentamento da sociedade que o cerca. Não recua, porém, na campanha combatida. A burguesia trabalhava pelo clero, guardava um momento feliz para castigar-lo. O livre pensador continua, no mesmo tom desassombrado. E seus folhetins escandalizam a província. Ataca preconceitos e illumina novos problemas. Denuncia publicamente os horrores da escravidão e registra os preconceitos sociais do Maranhão imperial. Insurge-se contra o regime e não tem medo

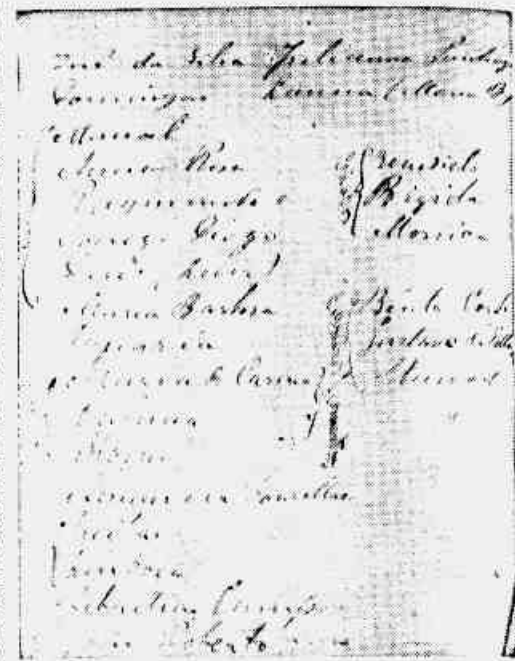
de proclamar abertamente as suas convicções republicanas. Por esse tempo, a despeito dessas ideias avançadas, Celso Magalhães exerce, em São Luiz, o cargo de promotor público. A função não lhe proíbe, entretanto, de manifestar as suas opiniões renovadoras. Agora, a campanha contra o clero serena um pouco. Celso discute literatura e política. A cidade parece esquecer as atitudes rebeldes do livre pensador. Nesse ambiente tranquilo, surge, como um escândalo, a notícia de um crime hediondo. Certa senhora ilustre de São Luiz, viúva a paradas, num requinte extremo de crueldade e loucura, uma criança de pele clara nascida na sua senilidade. Celso Magalhães recebe denúncia desse gesto desumano. A sociedade procura ocultar o crime. A burguesia se mortifica para que a justiça não se mova. Celso Magalhães é insistentemente procurado para que siliencie sobre o caso. Os grandes velhos de seu partido político querem coagi-lo a calar-se. A burguesia o ameaça com a demissão do cargo. Mas Celso Magalhães já tomou no seu íntimo, a resolução que acha aplicável. E denuncia, na sua qualidade de promotor da capital, a morte criminoso do pequenino escravo. O escândalo acaluta a cidade. O processo fica instaurado. A ré, que tem um pente barba, figura ilustre e respeitada, compõe o gesto a sentar-se, por cima do banco da justiça. E Celso Magalhães, com a clareza de sua honestidade e da coerência de seu caráter, acusa desassombradamente o crime e o torna público em todos os horrores escabrosos de sua dramatização de encobridor. A burguesia não o perdona. Há muito tempo aguarda o momento de desfecho na justiça. E Celso Magalhães recebe, pouco depois, a demissão esperada. Febre, com febre, incapa de humilhar-se para momentos cruciais em São Luiz. Além de tudo, a tuberculose já lhe invadira os pulmões. O índice recluso e sair do Maranhão e ir para a Corte, onde poderia tratar-se e viver tranquilamente, perseguido da província. E, embaraço, eficientemente, com destino ao Rio de Janeiro. Tem acobardado, o corpo e o espírito cambalhão. Na corte mal tem tempo de reter um ou outro camarado velho de São Luiz e Recife. E morre, nesse ano de 1878, ainda em plena maturidade gloriosa, vítima pela física e pela maldade dos homens da Província.

Aluizio assiste a todo esse doloroso drama revoltante de Celso Magalhães. Está sempre ao lado do amigo, nas horas mais cruciais da luta desigual. Com ele estão também participando de idéntica solidariedade no combate — João Afonso, Vilhor Lobato, Eduardo Ribeiro, Monbrey Miranda. Todos eles jovens de talento, iniciados por Celso no contínuo emancipador das novas ideias. E aquela plúvia ruidosa com o cônego Mourão e o padre Fonseca, rompendo as distinções do clericalismo e da igreja, terá continuidade, com muito mais audácia, por esses rapazes detestados. E Aluizio será a figura mais destacada dessa campanha tumultuária.

Por esse tempo traz na cabeça um novo romance. Há muito que lhe medita nas cenas, no técnica, nos tipos, repagamente elaborando o plano formal. Apanhara as personagens na sociedade burguesa de São Luiz. A ideia de luta contra os preconceitos caducos da província renasce-lhe, mais forte, na imaginação exaltada. A cada instante se verifica em São Luiz uma ofensa aos homens de pele clara procedentes das famílias. Os mulatos vivem sob ameaças constantes da sociedade do Maranhão. Desde a colônia que essa birra ao mulato criava raízes fundas no conflito da nobreza e da burguesia.

Agora, no Império, enquanto nas outras províncias há uma geral indulgência para o novo homem, continua no Maranhão, mais forte, mais vivo, a agitação do mulato. Muitos dramas se processaram sob a influência direta do preconceito da cor. E Aluizio vê, nesse tema, o grande assunto de seu romance. Os dias passam — e o romancista vai colecionando, em observações minuciosas e sagazes, a galeria humana que jura desfiar no novo livro. Celso Magalhães indicara-lhe novos ramos na arte literária. Fora um deslumbramento. E o naturalismo lhe parece, agora, o verdadeiro processo de uma estética consentânea com o século dezoito. Celso lhe revelara os novos escritores, que vem reagindo gloriosamente contra os soltos sentos figurais do romantismo. Aluizio lê Eça de Queiroz, que acaba de conquistar os rumores de um grande escândalo com as cenas algo escabrosas de "O Primo Basílio", seu segundo romance. "O Crime do Padre Amaro", com sua pintura de costumes, com seu estilo novo, um vocabulário simples que desperta dos mistérios do idioma a musicalidade mais perfeita — empolga o romancista. E ele parece estar vendo, em cada episódio ocorrido em torno de uma velha se portuguesa, um caso acontecido na pobre cidade de São Luiz do Maranhão, num ambiente igual de credulidade exagerada e beata.

A luta de Celso Magalhães agita a província. Mas, cessados os rumores do escândalo, volta-se a cidade do Sr. De La Touche entrou no ritmo tranquilo de sua vida sem incidentes deslocados. Tudo se passa agora como antigamente — nas ruas, nas casas, nas sobras de peira e cal em cuja fachada de azulejo há barras jeansantes de sol incomparável nas manhãs estírias. Nessas dias claros, Aluizio continua empolado o leão de uma vida sempre igual e passeia pelos raquitos dos ardores, no deslumbramento das paisagens que se renovem sob os cambiantes da alvorada. Nessas jornadas matutinas o romancista recolhe panais e tipos para o novo livro, que ainda traz na cabeça. Observa tudo, num desejo de trazer, para as páginas que irá escrever, uma reprodução fiel dos costumes de sua terra natal. As vezes leva um ou outro amigo nessas longas jornadas. Um dia sai da cidade para o arrabalde do Culin em companhia de Domingos Perdigo. Enquanto navegam os caminhos e os estírios da estrada, Aluizio vai narrando ao amigo, numa minúcia de episódios, numa precisão estupefata dos diálogos e das personagens, o romance que irá começar a escrever dentro em breve, segundo os princípios da nova escola literária. Domingos Perdigo pouco a pouco identifica as personagens. Reconhece o Raimundo, o Cônego Diogo, o Freitas, o Manuel Pescado, Dona Amancia Souzela. Aluizio desenvolve o romance, numa sequência lógica de cenas e capítulos, demonstrando que tem no espírito, completa, toda a arquitetura do livro. Na final da narrativa, quando Ana Rosa morre ao ver entrar no sobrado o cadáver do Raimundo — Domingos Perdigo, prevenido da repercussão do livro, conclui que haverá com ele ressonâncias na Província. Aluizio concorda com a observação do amigo. A sociedade burguesa de São Luiz se sentirá ultrajada nos seus milíndres e nos seus estírios. Aluizio imagina o escândalo estourando na cidade, a tranquilidade dos habitantes, as beatas levando meretrices corais de casa em casa, os burgueses voltando as páginas do livro com uma expressão de cólera em cada período da narrativa. Aquela vontade de luta do entusiasmado do romancista. São Luiz não pode



Aluizio Accredo costumava colocar em ordem os personagens de seus romances, tal como habitualmente se faz nas peças de teatro. Aqui temos a primeira página do manuscrito de "O Mulato", que contém toda a comparição do famoso romance. (O manuscrito em questão pertence à coleção de José Mourão.)

continuar parada no tempo, aguarda a preceitos caducos. A obra em exige transformações radicais. O mundo mudou. Nequela cidade antiga, naquelas sobras veneráveis, um sério de leitura, "O Mulato" será discutido por entre interpretações e comentários. O romancista e pensador em marcha de surra-lo, numa tela escissa a noite longe do lampião de casa, para acafrontar do lábio recebido. Mas o romance dá a todos esses burgueses trancados a consciência da campanha estúpida, miserável e louca contra os homens de pele clara que recém pela primeira vez a luz do sol na traparia das senzalas.

Aluizio tira para os mortórios de seu romance. Com o objetivo de familiarizar-se com as personagens, desenha para cada tipo um boneco adequado, constituindo dessa forma, com os modelos apanhados no vivo, a galeria humana do novo livro. Dona Ana Leger, figura muito conhecida na cidade, goza da intimidade de família Azevedo. Cada vez que ela vem à casa da rua do Sol, Aluizio desce do seu mirante para apanhar-lhe os caçoetes, as frases e os meretrices. Com esse modelo Aluizio fará no romance o tipo vivíssimo e pitoresco de dona Amancia Souzela. Em outras ocasiões, caminha até à Prala Grande, zona comercial da cidade, para recolher as impressões fiéis dos lusitanos broncos que mourejam no balcão ou na porta das lojas. Vai às igrejas, frequenta alguns serões, perambula a esmo — e completa, rapidamente, hoje

uma observação, amanhã outra, o cenário da narrativa. Um dia, ainda adolescente, quando sentia na sensibilidade a rotação dos pinéis e das telas, pensava em ser o paisagista do Maranhão. Depois, com os desenvolvimentos, esqueceu o pusera de lá do esse pensamento. Mas agora sente renascer a preocupação de pintura. E trará para o romance os belos painéis de São Luiz do século, as estradas batidas pelos peraltices errantes dos lusos ventos parais, a cidade banhada pela caridade intensa e branca dos lares de aquela. Depois de ter contado a Domingos Perdigo o drama do mulato Raimundo, Aluizio, em outro passeio, na cidade de Alcantara, recebe, de outro amigo,

Virgílio Cantanhede, o esboço de seu romance. Agora, o livro adquiriu novas formas e uma estrutura mais densa. Com palavras fáceis e quentes, avistando pelo entusiasmo da poesia, criação, no largo da Igreja do Carmo, da velha cidade em ruínas — Aluizio comunica ao companheiro a curiosidade e a paixão da história que narra. Não conta — recita. Toda a elaboração do trabalho está feita numa gestação maravilhosa. E Virgílio Cantanhede, no final da narrativa, tem os olhos enfiados de água, pela emoção despertada no martírio de Ana Rosa e Raimundo.

Aluizio tem, dessa forma, a consciência do valor emocional de seu romance. Virgílio se emociona profundamente. E Domingos Perdigo, numa observação feliz, lembra o prazer do ressentimento da província. O livro será, portanto, um romance como o seu autor o queria fazer: enternecedor e castíssimo. São Luiz se rebelará com a audácia do romancista. Mas chorará também, como Virgílio Cantanhede, pela sorte cruel de suas personagens. E Aluizio, ao regressar da cidade de Alcantara, começa a escrever o livro que lhe dará o ano de 1881 na cidade de S. Luiz do Maranhão, um romance humilhante, por entre apódoes e elogios. Enquanto estiver entregue a composição do romance, não abandonará o jornalismo. E trabalhará com o clero uma luta ruidosa, de cujos entrecosques parecerá trazer um novo tipo do romance que começou.

Escrevendo sobre a imprensa do Maranhão, num trabalho publicado em 1881, Joaquim Serra, ao falar de a "Cidadão", que se editou por essa época no capital da província, refere-se desta forma a respeito do primeiro periódico inspirado e dirigido pelo clero de São Luiz: "E uma folha, embora bem encadeada, cheia de azedume e corriqueira, foi de que houve a primeira vez de ver na alma dos povos".

Esse azedume jura o renome do periódico dos padres. Suas campanhas lhe dariam tapas no na história das letras brasileiras, a primeira, em 1881, contra Aluizio Accredo, a propósito de "O Mulato", e a segunda, no ano seguinte, contra Tobias Barreto.



# MULATO — Josué Montello

reto, a propósito de um discurso em que o mestre sergipano caputava com desassombro as opiniões rebeldes do pensamento almeida. Em ambos as palavras o clero se viria com uma bela harpa. E Tobias, com aqueles impulsos desatados de quem se sentia bem no futuro, afirmava aos clérigos condescendentes nas calças azedas de jornal maranhense, remos-ques desde leor jogralasco:

"Oh! que padre danado  
foi o FONSECA  
"Columba eclesiastica"  
Do Maranhão..."

Aísta-se aqui um parentese para contar o que houve:

A polémica ficaria nos anais da história como das mais azedas e das mais representativas do espírito brigão do sergipano desatado. E o padre Fonseca, até então obscuro na sua vida de sacerdote de província, havia subitamente com o nome na história — embora a importância lhe custasse uns galardões incómodos de estupidez beatífica.

Entretanto, esse padre Fonseca, que ao tempo já era Cônego e se chamava, por extensão, Raimundo Alves da Fonseca — recebeu injustamente os galardões que Tobias lhe conferia na polémica tumultuosa. E essa injustiça adreio da circunstância de que não foi o cônego o autor do artigo que provocou a discussão, nem também dos demais que se lhe seguiram em resposta a Tobias Barreto. A história da polémica com os padres da "Civilização" ainda não foi devidamente estudada. João Romero não soube relação no certo — e todos os que têm escrito sobre o caso nem mais a laborar manuscrito no mundo vivo.

A "Civilização" mantinha, entre os poucos assiduamente, uma seção intitulada "Secas e Juntas", editada por "João de Albuquerque". Esse João de Albuquerque, na seção referida, foi quem lançou, em 1882, a provocação a Tobias Barreto, em artigo reproduzido na imprensa do Recife pelo clero maranhense. Por esse tempo o Cônego Raimundo Alves da Fonseca ocupava, na "Civilização", o cargo de principal redator. Seu nome era conhecido

fora do Maranhão — principalmente em Recife — em virtude da polémica, que, em defesa da Igreja, sustentara, com Celso Magalhães, nome bastante conhecido e admirado pela sociedade pernambucana. Ao ter conhecimento do artigo e sabendo que o Cônego Fonseca era o redator principal do periódico católico, Tobias Barreto, que conhecia a fama do sacerdote, atribuiu-lhe a autoria da desconhecida. Recebido, logo, em termos energias. E para dar a entender ao padre que sabia perfeitamente quem era o articulista, ligou no pseudônimo o sobrenome do clérigo, daí resultando um padre "João de Albuquerque Fonseca" — nome aceito como verdadeiro por Silveira Romero, apesar do próprio Tobias ter lançado, neste passo de um dos artigos, a dura orientação: "O miserável assinava-se — João de Albuquerque". Seria este o seu próprio nome? Dizem que não. O padre é tão burro, que escolhendo um pseudônimo, lança mão de um nome, que pode facilmente encontrar dono.

Na verdade tratava-se de um pseudônimo. A suposição geral, mesmo em São Luiz, via em João de Albuquerque o padre Raimundo Alves da Fonseca. A priori disse é que, na resposta ao único trabalho que se escreveu em São Luiz sobre "O Mulato" e foi enviado por João de Albuquerque, — Aluizio atribuiu a crítica despretensiosa e violenta ao padre Fonseca, conforme se verifica no artigo publicado no número de 30 de julho de 1882 de "O Pensador". Mais tarde, ao escrever, quase dez anos depois, a prefácio a segunda edição do seu romance, foi que Aluizio revelou ao país, para escândalo eterno, o nome verdadeiro do furibundo articulista de província. — Euclides de Faria, que durante muito tempo se ocultara sob aquela dissimulação, não admitia de seu esconderijo, onde vivia sob a proteção e a bênção da padroaria de São Luiz.

Dessa forma, toda a discussão que Tobias Barreto supusera tratar com um membro ilustre do clero maranhense, não foi mais do que uma querela com um leigo espiritualmente e moralmente. Euclides Faria, poeta satírico, católico trupeiro no gesto de Louis Veillot, soube provocar

habilidosamente as traças do grande sergipano, continuando-lhe em muitos passos a validade atrevida. Tobias Barreto enxergou no João de Albuquerque uma vítima católica. E afirmou o melhor dos seus doctos e sua dialética contra o suposto padre. Hoje, esclarecido quem era o dono verdadeiro do pseudônimo, muitos desses doctos perdem naturalmente a sua razão de ser. E o episódio passa a história como um dos mais pitorescos exemplos de camuflagem ocorrido em nossas letras, ao mesmo tempo que faz voltar para a figura esquecida de Euclides Faria um certo momento de curiosidade e indignação.

Foi por inspiração do dispaído que a "Civilização" — famoso jornal do clero maranhense — apareceu em São Luiz pelas alturas de 1880. Tinha redação e tipografia no velho Seminário de Santo Antônio. Saía aos sábados e intitulava-se "órgão dos interesses católicos". Entre os seus colaboradores mais assíduos figuravam o poeta Euclides Faria e o padre Raimundo Alves da Fonseca. Desde a sua aparição, a folha católica revelou, pelo tom dos artigos de combate e doutrina, o propósito missionário de trazer à força, para o rebanho de Deus, as ovelhas desgarradas.

Esse espírito combativo teve, a sua razão de ser. A decadência do patriarcado rural, levando de relance a fortuna e a multa gente, transformara a cidade burguesa de São Luiz num rio de ociosos. Os antigos senhores poderosos, agora arruinados, paralisaram na capital a espera do emprego público. Os burgueses remediados recolhiam contrateiros nos aposentos logo dos seus sobrados a paternidade decidida. As manobras se multiplicavam entre senhores e escravos. Muita virgindade se desfez sob a impiedade confrangedora da pobreza. E essa dissolução de costumes chegara a atingir o próprio clero, comprometendo os créditos da Igreja no Maranhão. Sacerdotes respeitáveis não coravam de manter amantes nas ruas melhores da cidade. As janelas dos seminários se transformavam em pontos de namoro. E a filandaria bastarda dos sacerdotes aumentava dia a dia, num desrespeito aos princípios de ordem religiosa. Toda a cidade de São Luiz tinha conhecimento das atitudes clericais. Não tardou por isso a esboçar-se um movimento de reação, provocado por aqueles rapazes aos quais Celso de Magalhães havia comunicado a fumaça das novas ideias emancipadoras. A campanha anticlerical ia, ter, agora, espetáculos mais rumorosos e sensacionais. Os escândalos começaram a ser divulgados abertamente, envolvendo cônegos e monsenhores. A ameaça foi apresentada pelos sacerdotes foltosos. O clero se congregou para desferir um contra-golpe destinado a salvar a igreja do aluimento em prenúncio. Nos pulpitos, começou a contra-campanha. Espalhou-se pelos lares, praças e habitações dos padres bem acolhidos pelas famílias ilustres. E culminou pelo aparecimento, naquele ano de 1880, da folha religiosa destinada a defesa dos interesses católicos. A "Civilização" surgiu, dessa forma, como um instrumento de luta. Daí o tom violento de seus artigos de doutrina. Esse azedume foi uma contingência natural. E a pazela dos padres do Maranhão, semeando rentos, haveria facilmente de colher, num resultado lógico, o estrondo e a descarga dos temporais...

po: "Propriedade de uma associação". E todos os colaboradores, destacadamente anticlericais, se embuçavam debaixo de pseudônimos. A "Civilização" era alvejada em toda a linha. Velhos escândalos que a sociedade escondia vinham a lume nas colunas do periódico dos pensadores livres. Os clérigos tinham seus nomes escritos com todas as letras no relato mirandante das bandalheiras praticadas à sombra. A pazela aparecia três vezes ao mês — e enviada especialmente pela redação de "O Pensador". Mas de provinciana, uma audácia nunca vista. Em vão lutaram os sacerdotes para desbaratar a hoste inimiga. "O Pensador" investia sem medo esfrangalhando corajosamente respeitáveis reputações de balcão. Num mais seção intitulada "Ecos da Rua" dava agasalho a todas as murmurações escandalosas em torno de prelados ilustres.

Um exemplo, apanhado no acaso:

"O Rev. Frei Osório acontado pelo "O Pensador" transferiu o nome para as janelas do "Seminário!!!"

— Muda de vida, frade, segundo damos a denúncia.

A "Civilização" recebeu a nova folha com desabamentos ofensivos. Dovelvera mesmo o primeiro número que lhe fora enviado especialmente pela redação de "O Pensador". Mas de provinciana, uma audácia nunca vista. Em vão lutaram os sacerdotes para desbaratar a hoste inimiga. "O Pensador" investia sem medo esfrangalhando corajosamente respeitáveis reputações de balcão. Num mais seção intitulada "Ecos da Rua" dava agasalho a todas as murmurações escandalosas em torno de prelados ilustres.

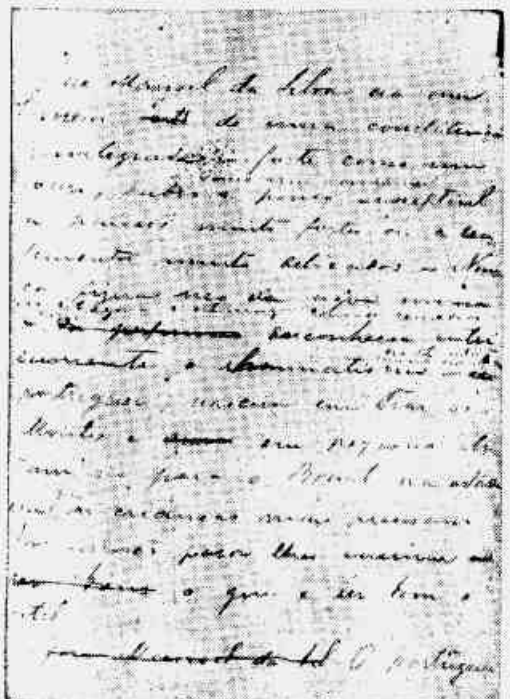
## Aluizio Azevedo, na opinião de Ronald de Carvalho

Caberia a Aluizio Azevedo, formado entre os românticos e romântica em seu primeiro livro, "Uma Lágrima de Mulher", ser a primazia, ao menos a mais forte impulso para a reforma naturalista no Brasil. "O Mulato", publicado no Maranhão em 1881, marcou-lhe para logo um lugar à parte em nossa literatura, sem embargo de se perder ainda, quer no feitiço, quer no tom geral da fabulação, alguns laivos da corrente que tinha combatido.

Na obra de Aluizio ("A Casa de Pensão", "O Homem", "O Cortiço") não se encontra nem o desencanto de Quincas Barba, nem aquela intuição risonha de Brás Cubas. Ele nos oferece, porém, uma abundância de quadros, de cenas e de tipos verdadeiramente notáveis. Aluizio, como dissemos, é um impressionista, um impressionista que desenha, às vezes, com alicutude, mas que sabe colorir admiravelmente. Vede os seus quadros de rua, com as lojas abertas e as figuras coloridas de homens de negócio, vendedores ambulantes, e desocupados: apreia as suas descrições no meio baixo, onde a mestiçagem do sangue não é menor que a dos costumes; observa, por seus olhos, onde a língua e as ideias passam por todas as formas possíveis, desde o pernosticismo platônico da "robrecha" até o aluício do negro tímido e humilde. Que profusão de motivos, que riqueza de linhas em quase todas as suas páginas, cheias de um forte sentimento da realidade, flagrantes e verdadeiras. Em pintor resulta de cada período, e um pintor atrevido, como os tons primários, quente e lusciantes. Sem se impeter com os reflexos, Aluizio procurava a superfície da alma humana, onde o realismo, tem assento as palavras violentas, os raios de fogo da alma quotidiana. Seus tipos são, por via de regra, ruibores, grosseiros, não se distinguem pela subtilidade do conhecimento em pela frescura dos sentimentos. Ninguém, entretanto, poderia entender, seguramente, certos momentos da nossa intimidade popular, certas tendências desse caos ético, tumultuoso e disbaratado, que forma a nossa plebe, e que se estende até aos primeiros degraus das nossas camadas sociais, sem conhecer a obra de Aluizio Azevedo. Ele reproduz, com a melhor fidelidade possível, a fisiologia do nosso mistério físico e moral, cujas linhas fugitivas de caráter difícilmente se deixam entrever.



Aluizio Azevedo, quando muito representante consular em Napoléon



Fac-simile da primeira página de texto do manuscrito de "O Mulato".

Efectivamente, a 10 de setembro do mesmo ano, surgia, com o propósito de responder ao clero, um periódico de formato pequeno com o título pretencioso de "O Pensador". Por baixo do nome, vinha esta indicação va-

# Um capítulo de "O Mulato" — Aluizio Azevedo

No dia seguinte, por todas as ruas da cidade de S. Luiz do Maranhão, e nas repartições públicas, na praça do Comércio, nos aloguéis, nas quitandas, nas salas e nas alcovas, boquiabertos largamente sobre a morte do dr. Raimundo. Era a ordem do dia.

Contava-se o fato de mil modos, inventavam-se lendas; imputavam-se romances. O cadáver fora recolhido pela Santa Casa de Misericórdia. Procede-se a um corpo de delito; verificou-se que o paciente morrera a tiro de bala, mas a polícia não descobriu o assassino.

Nessa mesma tarde os caixeiros de Manoel, vestidos de luto, entregavam de porta em porta a seguinte circular:

"Uma. Br.

Manoel Pedro da Silva e o cônego Diogo de Melo Freitas Santiago participam a v. s. que acabam de receber o profundo golpe do falecimento do seu prezado e nunca sairá chorado sobrinho e amigo Raimundo José da Silva; e, como o seu cadáver não foi de balhar no rio, mas foi lá quatro horas e meia da tarde, no cemitério da Santa Casa de Misericórdia, esperam receber de v. s. o piedoso obsequio de acompanhar o fêretero da casa do seu incomparável tio a rua da Estrela n. 88, pelo que desde já se confessam eternamente gratificados."

"Maranhão, etc., etc., etc."

A Misericórdia, cedendo uma sepultura, mediante a quantia de 60 Rs. O enterro foi a pé e bastante concorrido. Muitos melancólicos acompanharam-no por consideração ao colega: grande número de pessoas por mera curiosidade.

O cônego ungiu o cadáver com água benta e encomendou-o a Deus.

Maria Barbara, para completo desdouro de sua consciência e porque não sabia que ela não tinha mais coração, prometeu uma missa por alma do Mulato.

Dias se passaram em casa à tarde, à hora do saímento. Notaram que o bom rapaz muito se sentia daquela morte e que no ato de balhar o caixão à sepultura, afastava-se de todos, naturalmente para chorar mais à vontade.

Não contou que mais ninguém, além dele e do cônego, tivesse chorado. De volta do cemitério, Freitas, em conversa com os caixeiros de Manoel, mais o Sebastião Campos e o Casua, lamentou com palavras finas o lastimável falecimento do infeliz moço e disse que sentia bastante não ter a polícia descoberto o autor do crime; mas que, segundo a sua modesta opinião, aquilo fora nada mais nada menos, do que um suicídio, e que Raimundo viera até a porta da rua nas agônias da morte.

— Uma fatalidade!... Rematou ele, filosoficamente, a espanar com o lenço os seus sapatos envernizados. — Não me posso conformar com o diabo deste pó vermelho de São Pantaleão! Mas creiam que me comoveu bastante a morte do pobre Mundeco! Era um moço habil... Tinha muita habilidade para fazer versos...

— E' muita presunção, vamos lá!

— Não, coitado! tinha seus estudos, tinha! não se lhe pode negar!

— Mas também não era lá essas coisas que queria ser!

Ah! Sim, não digo o contrário... concordou dedicadamente o pai de Lindoca, porque não tinha por costume contrariar ninguém. — Uma fatalidade, repetiu meneando a cabeça.

— E talvez não fique nestal...

observou Sebastião. A pequena está bem pessoal!...

— E'! Ouvi dizer que sim...

— O Jauffret mandou que a entregassem para fora.

— Segue um dia desses, para a Ponta de Areia.

— Não, para o Caminho Grande.

— Ah! Ela era perdida pelo Raimundo!...

— Tólices...

E deram de mão ao assunto para ouvir Casua, que contava alegremente o caso de bêbado que um vez fora palear no cemitério e lá ficara fechado; e que, depois, acordando as altas horas da noite, levantara-se para ir até o portão pedir fogo no rouda, que fumava muito distraído, encostado de costas nas grades, e que o soldado sentindo passar-lhe no pescoço a mão fria do borracho, declarou na correr e a pedir socorro em altos berros.

Todos acharam graça, e o Freitas contou logo um fato equivalente, que lhe sucedera no tempo de rapaz. Esta aneddotinha puxou outras, e cada qual exibiu as que sabia; de sorte que ao entrarem na rua Grande, ainda empoqueados da terra vermelha de São Pantaleão, riam-se a bom rir, apesar da profunda tristeza do crepúsculo, que nesse dia não vestia as salas do costume.

O Pescada, mal o tempo levantou, mudou-se junto com a filha e a sogra, para um alio do Caminho Grande, onde Ana Rosa esteve à morte. Chegaram a fazer junta de médicos.

Desde então o pobre Manoel vivia muito apenado. Falante que os seus cabelos tinham embranquecido totalmente, e que ele agora se dedicava ao trabalho como nunca, com uma espécie de furor, um desespero de quem bebe para esquecer a sua desventura. A nota firma comercial, Silva e Dias, nasceu entretanto, no meio da mais completa prosperidade.

Seis anos depois, em meados de fevereiro, havia uma partida no Clube Familiar. Era uma galanteria que os liberais dedicavam a um seu correligionário político, chegado da Corte por aqueles dias com destino a presidência do Maranhão.

Estava-se no rigor do inverno e chovera durante toda a tarde. As calçadas refletiam em zig-zag a luz vermelha dos lampêdes; alguns telhados ainda gotejavam melancolicamente, e o céu, todo negro, pesava sobre a cidade que nem uma tampa de chumbo. Não obstante, chegava bastante gente para a festa; velhas carruagens enfileiravam-se na rua Formosa, despejando golfadas de seda e cambraia. As damas, finalmente envolvidas nas ondas dos seus pufes, subiam, arrebanhando as caudas, aos saltos do baile, pelo braço de homens sérios de casaca. Havia luxo. Os lanceiros da escadaria mostravam-se juncados de flores desfolhadas e folhas de mangueira, e os degraus de quatro a quatro, estavam guarnecidos por grandes vasos de pó de pedra vasos de plantas. Espelhos de bom tamanho refletiam de alto a baixo, no corredor, os pares que subiam. Em todas as portas havia alvas cortinas de labirinto.

O presidente acabava de chegar; e a banda do 5.º de Infantaria tocava em baixo o Hino Nacional. Todos se agitavam para vê-lo; comentavam-lhe já, em voz soturna, a figura, os movimentos, o andar, a cor, e os botões da camisa.

Na sala de honra, as senhoras, parafusadas nas suas cadeiras, numa resignação certimoniosa, espichavam discretamente o pescoço, para ver o presidente novo. "Os rapazes, com o cabelo dividido em duas pastas sobre a testa, fumavam

nos corredores ou bebiam nos bufetes. Na varanda jogavam em silêncio os thaliteraves pares de voltarete. A casa toda recendia a perfumaria francesa.

Reinava um constrangimento pesado e estúpido; poucos se animavam a conversar, e ninguém ria. Mas de improvviso a orquestra deu o sinal da primeira quadrilha e uma onda de homens invadiu brutalmente as salas, por todas as portas. Era uma aluvião mesclada; havia o "crose" de lã branca, a casaca sem luva, o fraque de três botões com o lenço de seda azul debuchado na algebrá; sobresaltos as enormes gravatas de rambráia engomada, com as pontas em bleco sistematicamente espichadas sobre a negrura da lapela. Alguns tinham um tique pretensioso; outros um ar encastelado e cheio de rubores; principiava-se a suar. Destacava-se os filhos dos negociantes ricos, que haviam ido à Europa "estudar comércio" e os acadêmicos de Pernambuco, Bahia e Rio, que estavam de férias na província. A dança abalava-os a todos; as senhoras iam-se já se levantando; arrastavam-se cadeiras, a luz do gás mordida os ombros nus e fazia faiscar os diamantes; as rabecas começavam a gemer.

As quadrilhas e as valzas sucederam-se quase sem intervalos. O entusiasmo apoderou-se dos ânimos.

Treina no ambiente o vozear frouxo dos coelhos, das coisas amorosas, dos pequeninos risos delicados, do tintar dos braceletes, do farfalhar das sedas, do ramorejar dos leques e do sardo arrastar dos pés no tapete.

As mulheres rodavam, presas pela cintura, num abandono voluptuoso, com a cabeça esquecida sobre a espádua do cavaleiro. De envolta com os estratos de Lubin, saturava a atmosfera um cheiro tético e penetrante de carnes e cabelos. Pares fatigados prostravam-se nos canapés, amolecidos por um entorpecimento sensual; dilatavam-se as narinas, ofegavam os colos e as pálpebras bambeavam num quebranto de febre.

Em breve, porém, um frenesi galvânico eletrizou todos os pares. "Galopel!" gritaram. E um turbilhão doído, desenfreado, precipitou-se pelas salas, percorrendo os saltos, numa confusão de casacas e caudas de seda; enovelando-se, abarroando-se, e rebentando afinal numa vozeria medonha, atrozadora, num bramido de onda que espoca em plena tempestade.

Rasgaram-se vestidos, espalharam-se folhos de roupas, desfloraram-se penteados e soltaram-se exclamações de prazer. Um rapaz, ao terminar a quadrilha, refugiava-se, coxenhado, na varanda. Tinham-lhe pisado o melhor calo.

Maus raios te partam, diabo!

E foi assentar-se a um canto, segurando carinhosamente o pé.

— O' seu Rosinha, fale com os amigos velhos!... disse o Freitas, aproximando-se dele e entendendo-lhe a mão. Não sabia que o tinhamos aqui em nossa terra, doutor!

Estava o mesmo homem, sempre engomado e tezo, com o seu cômico colarinho à Pinaud e a sua unha de esmaltação. "Então!... que lhe contava o caro dr. Rosinha, depois que se viram a última vez?..."

Já lá se iam três anos!...

Rosinha achava-se em férias; era terceiro anista de direito em Pernambuco.

O Freitas notou que ele estava um rapagão; estava muito melhor; mais desenvolvido!

O Falsca sorriu. Com efeito engrossara de ombros e detatara melhor corpo. Agora tinha um par de suíças e parecia menos tolo, porém muito mais miúdo. Falaram superintendente contra aquele modo de dançar. O estudante descreveu as dores que sentiu quando lhe pisaram o calo e jurou nunca mais dançar com semelhantes estouvados. Depois conversaram a respeito do novo presidente. Freitas queixou-se do partido liberal. "Uma súpica de triângulos!" dizia ele indignado. Era fechar os olhos e apauhar o primeiro!...

O tal gabinete de 5 de janeiro podia limpar as mãos à parede!... Incrédulos! Só incrédulos!" Em seguida ocuparam-se do passado; lembraram-se do defunto Manoel Pescada e da falecida Maria Barbara.

— A velha Babú! murmurou o Freitas, cheio de recordações.

— O outro pediu notícias de Lindoca.

— Sempre gorda! Agora estava lá pela Paraíba, com o marido, o Dudu Costa, que fora removido para a Alfândega dessa província. Sabe? A Eufrazinha fugiu com um comício!...

— Ah! sei! sei!

Estonteada! O pobre Casua, coitado, é que estava perdido! — Extravagâncias! Rosinha, se o visse, não o conheceria — muito desfigurado, cheio de cas!

Falsca declarou que ainda

não o tinha encontrado em parte alguma.

Qual encontrado o qual? Estava de cama!... entrou! uma perna que era laço! E o Freitas mostrou a cintura.

— E o Sebastião? perguntou o rapaz.

Metido na fazenda. Já não havia quem o visse. E acrescentou, sem transição: — Homem, quer saber quem está a decidir?... O nosso cônego Diogo!

— Sim! Já ouvi dizer.

Coitado, retenção de urínas, ele sempre sofreu de estreñimento!...

— Um Santo!

— Se o é!

E ambos sacudiram a cabeça, no recolhimento da mesma convicção.

— Falsca calculava escrever o necrológico do cônego, caso este morresse antes da sua volta para Pernambuco. Falaram também do Cordeiro, que se tinha estabelecido com Manoelzinho. O Freitas afirmava que iam muito bem, porque o Bento Cordeiro deixara o diabo do vício. E interrompeu-se para agradecer ao outro:

— Você conhece este rapaz que vai passando de braço dado a uma moça?

— Não.

— E' o Gustavo!

— De Vila Rica! Aquela que foi caixeiro do Pescada!...

Ah, sim! já sei! Mas como ficou mudado! ele que era um rapaz tão bonito.

De fato, Gustavo perdera inteiramente as suas belas cores europeias e tinha agora a cara sarapintada de funchos velhos.

Estava para casar com a proca, que levava pelo braço. Uma filha do velho Furtado da Serra.

— Hum! bravo! Está bom!

Dava meia noite e algumas famílias embrulhavam-se nas suas capas para sair. O Freitas despediu-se logo do Rosinha, apressado.

Depois da meia noite — nada! nada absolutamente!

Observava ele, sempre melancólico.

Mas, no palamar da escola teve de esperar um instante que descesse um casal que se despedia. Adivinhava-se que era gente de consideração pelo modo afetoso como que todos se cumprimentavam; muitos se apressavam pressurosos, para lhe dar passagem. O próprio presi-

(Continua na pág. seguinte)



Uma casa que pertence à tradição literária do Brasil. Nela viveram Aluizio Azevedo, Coelho Netto, Olavo Bilac, outros editores e poetas brasileiros



# ALUIZIO AZEVEDO — José Verissimo

Salvo alguma prioridade somente cronológica, sempre possível mas insignificante, foi Aluizio Azevedo o iniciador aqui e, o que mais conta, o único meritorioso escritor do naturalismo, segundo a formulação dada, inaugurada com a "Madame Bovary", de Flaubert, (1857), desenvolvida e teorizada por Zola.

Quando apareceu "O Mulato" (Maranhão, 1883), praticava-se ainda o romantismo nos romances sempre lidos, apesar de mortos e seus autores, de Alencar e Macedo e nos de Bernardo Guimarães, ainda vivos. Apenas quando um excesso romântico no demasiado sentimentalismo no abuso propósito moralizante que marcavam esses romances, haviam surgido desde 1871 os de Tannay e Frankin Tavora, para não citar senão os que fizeram obra considerável. Não se mostravam, aliás, estes de toda estranhos à reação antirromântica, iniciada em toda a parte, desde o início do século. A "Inútil", de Tannay, por exemplo, é um livro naturalista em muitos aspectos, bem antes do nosso naturalismo de aqui. Mas os outros, do mesmo gênero, não seguiam, infelizmente, a mesma distinta inspiração. Em suma, era o romantismo apenas diminuído de alguns excessos que regia a nossa ficção em prosa. Dele só se libertava emusivamente, desde 1872, com a "Resurreição", de Alencar, que nunca pertencem a uma escola e através de todas maneiras insula a sua singular personalidade literária. Aí não tem a mesma distinção, nem mesmo ainda incapaz de o apreciar, a sua obra, sempre aperfeiçoada, ficou sem influência e até sem repercussão.

Não obstante vir de uma abastada província, que, entretanto, tinha na Corte cartas de recomendação da maior valia, recebeu o "Mulato", não só do Rio, mas de todo o pequeno Brasil interessado em letras, o mais simpático acolhimento. A novidade um pouco escandalosa que trazia foi grata ao nosso leitor entusiasmado do romantismo dos nossos novelistas e pronto apurado para salvar as linhas ignoras do "Braz Cubas", publicado em 1881. A gente habituada ao desprezado naturalismo, mesmo ao vir realismo das discussões políticas e boias jornalísticas, e mais à possível licença da nossa conservação, a maneira zolista devia forçosamente de agrandar.

Passando-se de sua terra natal para cá, continuou Aluizio Azevedo a obra tão bem encetada com "O Mulato" e continuou aperfeiçoando-se, o que de comum não tem sucedido nos nossos livros. Com efeito, não são poucos os nossos autores cujos melhores livros são os primeiros, e cuja obra não mais lhes repete a excelência. Aluizio Azevedo não só reformou "O Mulato", melhorando-lhe numa nova edição a composição e o estilo como, não obstante a boémia que romanticamente ainda praticou, foi um sério empenho de aperfeiçoamento no trabalho subsequente. A "Casa de pensão", (1884), "O Homem", (1887), e "Corição", (1890), não fizeram senão confirmar-lhe o talento afirmado no "Mulato",

assegurando-lhe do mesmo passo, em a nossa literatura um lugar proeminente, o de iniciador do naturalismo e seu mais notável escritor.

E, entretanto, curioso, que só no penúltimo lhe ocorreu fazer uma espécie de profissão de fé naturalista e por, como chamaria à escola, a dedicatória do "Homem". Como eu crutão um "novo", distinção que cabe a toda gente que não morre antes da juventude, analisando o romance de Aluizio Azevedo, escrevi:

"Não por discutir pínzias literárias, e apenas para assentar um fato cronológico, porventura útil à bibliografia brasileira, quando não à história das nossas letras, seja-me permitida lembrar que as "Senas da Vida Amazônica" foram publicadas em 1886, um ano antes do "Homem", pelo mesmo. Entretanto, não disposto a primar ao sr. João Ribeiro, que o pode levar-se com a "Corição". Aquela, extemporânea e impetuosa, da razão, e mais a do que do autor seria obrigada não lhe lendo o livro que não atasse a verdade na arte, nem tivesse a respeito do naturalismo idéas bem claras e seguras, me indicasse o caminho que seguir. Oh! inflexível ilusão da novidade! Como se alguém pudesse dizer com a certeza de dois e dois são quatro, o que é a verdade na arte ou o que realmente era ou foi o naturalismo.

Não vale a pena, e prova pouca filosofia, discutir tais etiquetas. A obra d'arte não tem outra medida que o talento, o que não quer dizer que a certos estados do ambiente mental, em suma a certos momentos não correspondam determinadas maneiras de sentir e de exprimir o sentido. Mas será sempre menos o feito do nosso sentimento e da sua expressão, que o talento nesta posto que determinará o valor da obra d'arte. Apenas se pode verificar que o momento condiciona o talento e nenhuma obra d'arte verdadeiramente imbuída é possível fora do seu tempo.

O principal demérito do naturalismo da escola zolista, já avada em Portugal por Eça de Queiroz e agora no Brasil por Aluizio Azevedo, era a vulgarização da arte, que em si mesma trazia. Os seus assuntos prediletos, os seus objetos, os seus temas, os seus processos, a sua estética, tudo nele estava ao alcance de toda a gente, que se deliciava com dar-se ares de entender literatura, discutindo livros que traziam todas as vulgaridades da vida corrente e que se lhe comparavam na descreção. Foi também isto que fez efêmero o naturalismo, já moribundo em França quando aqui nasceu.

Não seria porém razoável, nem justo, negar-lhe o bom serviço prestado às nossas letras. Ele trouxe à nossa ficção um sentimento mais justo da realidade, uma arte mais permeável da sua ligação, um maior interesse humano, uma inteligência, mais clara dos fenômenos sociais e da alma individual, uma expressão mais apurada, em suma, uma representação menos defeituosa da nossa vida, que pretendia de-

nir. Dos que aqui por vocação ou por mero instinto de imitação, tão vulgar nas letras, seguiam o naturalismo e se nele ensaiaram, a que mais cabalmente realizou este efeito da nossa doutrina literária foi Aluizio Azevedo, com uma obra de mérito e influência consideráveis. Não falo, aliás, se não da sua obra propriamente literária, pois não lhe tenho por tal, mas antes de inspiração industrial e de valor anônimos, os seus romances folhetins ("Filomena Borge" e outros) e o seu teatro.

Bastam, porém, aqueles quatro romances, e ainda o "Livro de uma noite", não obstante a insignificância da sua execução, para assegurar a Aluizio Azevedo um distinto lugar nas nossas letras.

Os romances ainda um pouco decorados de forma ou, pelo menos, de figura, do próprio Alencar, e muita mais de Macedo e Bernardo Guimarães, e ainda de Tannay e Frankin Tavora, trouxe Aluizio Azevedo uma preocupação mais justa da importância de ambas, substituiu a pura imaginação e não raro eram fantasias de todos os gêneros observação mais escrupulosa e uma representação mais sincera; ao contrário deles, certos traços característicos com a sua ação ou as suas personagens, pelo que foi mais objetivo e mais intenso, e, sobretudo, refugiu da nossa ficção o romanesco e a sua mentalidade frequentemente pegada que a falsificavam com o representação que presumia ser da nossa vida.

Estas recomendações, porém são menos da escola naturalista que do talento, com que lhe realizou o critério Aluizio Azevedo. Pena é que tivesse faltado, ou se lhe tivesse recusado, para refugio às escusadas brutalidades da febre naturalista e cruzes que esfriam e murcham desnecessariamente livros excelentes e fortes como o "Corição", e toda a sua obra.

## Um Capítulo de "O Mulato"

(Continuação da pág. anterior)  
dente acompanhara-o até ali e agradeceu-lhe o obsequio do comparecimento ao baile, com um energético aperto de mão, à inglesa.

O par festejado eram o Dias e Ana Rosa, casados havia quatro anos. Ele deixara crescer o bigode e apurara-se todo; tinha um certo emproamento ríscado e um certo satisfeito e alinhabado de quem espera por qualquer vapor o hábito da Rosa; a mulher engordara um pouco em demasia, mas ainda estava boa, bem torneada, com a pele limpa e a carne esbelta. Ia toda se sacrateando, muito preocupada em apanhar a cauda do seu vestido, e pensando naturalmente, nos seus três filhos, que ficaram em casa, a dormir.

— Grande chaine, double, serrei! berravam nas salas.  
O Dias tomara o seu chapéu no corredor, e ao embarcar no carro, que esperava pelos dois lá em baixo, Ana Rosa levantara-lhe carinhosamente a gola da casaca.

— Agasalha bem ao pescoço, Lula! Ainda ontem tossiste tanto à noite, queridinho!...

# ALGUMAS PALAVRAS SOBRE "O MULATO"

(Prefácio da terceira edição)

Aluizio Azevedo

Este livro foi escrito e sentido aos vinte anos, quando eu estava no Maranhão, ao lado de minha família; com ele entrei alegremente no mundo das letras. Apareceu em 1881. Agora o sr. B. L. Garnier resolveu apresentá-lo de novo ao público e ele aqui, com pequenas modificações tal como fora então concebido. Não quis alterar-lhe de todo a forma, porque me pareceu que não tinha direito de fazê-lo; procurei até conservar, religiosamente, certos dizeres e locuções, que se usavam naquela província, posto que os leitores cá do sul hajam de estranhá-los como sucedeu com o ilustre falecido Batista Castanho, que, num volume, levado à Biblioteca Nacional pelo meu amigo Capistrano de Abreu, me censurou, à margem de algumas páginas, o uso de muitos termos, que ele não conhecia, e outros que supunha imitações dos romances portugueses. O nosso filólogo ignorava que em São Luiz do Maranhão são frequentes certas expressões à moda de Portugal, e aquilo, pois, que se lhe afigurou macaqueado de C. Castelo Branco, era simplesmente copiado do natural; assim é que lá se diz, por ex.: "sapatos de polimento" e não sapatos de verniz; "quinta" e não chácará; "rebucados" e não balas; "caneço" e não barril, etc.; como também se empregam palavras de todo desconhecidas no resto do Brasil, e creio que em Portugal, mas que por lá, na minha província, são muito comuns: Maruchaba, Flinhaca, Puça, Enzoneteira, Cofó, Empunear, Moquear, e mil outras estão nesse caso.

Se errei transportando-as para o livro e conservando-as agora, paciência! Submeto-me aos futuros julgamentos; mas, de uma coisa declaro de antemão que não podem condenar esta obra, é da falta de sinceridade. Ela foi feita em boa fé; não a puxei à força de dentro de mim, foi ela que se formou por si mesma, sob o domínio imediato das impressões, e procurei vir à luz em forma de romance. Afianço que, durante a gestação, não me preocupei absolutamente com o efeito que o livro teria de produzir sobre o público, nem tão pouco com a escola donde ele procedia. Quando cheguei a lançá-lo ao papel, já o tinha pronto do princípio a fim, com os capítulos divididos, os tipos grupados nos seus planos competentes, a ação desenvolvida até o desfecho e as cenas dispostas cada qual em seu lugar.

E, tanto assim que, antes de escrita uma só palavra, por duas vezes, recitei-o todo, uma a Fernando Perdigão, e outra a Virgílio Catanheze; dois companheiros meus de infância.

Lembra-me disso como se tivesse sido ontem! Eu costumava passear no campo todos os dias de madrugada, e o Fernando muitas vezes me acompanhava. Um dia fomos ao Cutim a pé e pelo caminho narrei-lhe inteira a história do Mulato. Ainda me recordo de uma observação justa que ele me fez a respeito do ressentimento que o meu livro iria levantar na província.

A vez do Virgílio foi em Alcântara; tínhamos ido, ele e eu, assistir à festa do Espírito Santo. O bom rapaz, com uma resignação de amigo sacrificado, ouviu-me atentamente o romance, assentado junto de mim, debaixo de uma bela árvore, num dos bancos do largo da Igreja do Carmo. Não foi debalde que pis toda a alma na recitação, porque, ao terminá-la, o meu companheiro tinha os olhos azarados de água; não sei se chorava de comovido ou de cansado.

Dias depois, metido no meu gabinete, principiava a escrever "O Mulato", e não larguei o trabalho senão ao concluí-lo. O volume levou um ano a ser impresso; mas, em compensação o primeiro milheiro de exemplares voou com uma presteza que me surpreendeu de veras.

Foi feliz.

A Imprensa da Corte recebeu-me bem, e, à imitação dela, a de todas as províncias do norte e sul. Amparou-me a generosidade de Joaquim Serra, Silvio Romero, Arapeiro Junior, Valentim Magalhães, Lucio de Mendonça, Capistrano de Abreu, Raul Pompeia, Urbano Duarte, José do Patrocínio, Clóvis Bevilacqua, Tobias Barreto, Raimundo Corrêa, Fontoura Xavier, Ferreira de Menezes, Adelino Fontoura, Sá Viana, Koseritz e outros muitos escritores de nome brilhante, cuja fulguração, refletindo sobre a minha pobre obra, deu-lhe um prestígio que ela estava bem longe de ambicionar. Mais de cem artigos se gruparam em torno do "O Mulato" e só o Maranhão, a minha província, não deu palavra.

Ah! mimto! a "Civilização", no seu número de 23 de julho de 1881, publicou um longo artigo de um dos seus redatores mais ilustres, o sr. Euclides Farias, no qual, entre muitas coisas, há o seguinte:

"Eis ali um romance realista, o primeiro pipino que brota do Brasil.

"E" muita audácia ou muita ignorância, ou ambas as coisas ao mesmo tempo! E" contar demais com a ignorância dos leitores, com a benevolência da crítica nacional, e julgar os outros por si.

"Permita o jovem zote, autor do "O Mulato", que me admire ainda uma vez. A sua compreensão sobre o realismo é de eternas luminárias! Melhor seria fechar os livros, ir plantar batatas e jurar com o antigo rirão.

"Abraçou o asno com a amendoeira.

"E acharam-se parentes.

"Para que o autor do "O Mulato" nos desse a medida exata do seu realismo devia abandonar essa vidinha peralvilha de escribidoreias tolas. Vá para a fome e o machado! Ele que tanto ama a natureza, que não crê na metafísica, nem respeito a religião, que só tem entusiasmo pela saúde do corpo e pelo real sensível, real ou material, devia abandonar essa vidinha de vadio escrevinhador e ir cultivar as nossas ubérrimas terras. A lavoura, meu estúpido! é lavoura! Precisamos de braços e não de prosas em romances! Isto aqui é real! A agricultura felleita os indivíduos e enriquece os povos! É fome! é enxada! Res non verba!"

E mais não disse o Maranhão a meu respeito.

Como se vê, não segui o conselho do único jornalista da minha província que se dignou criticar o meu primeiro livro: não quebrei a pena, nem me atirei à lavoura; vim simplesmente para a Corte, graças ao produto pecuniário do amaldiçoado "Mulato", e continuei a escrever, a fazer novos volumes, um atrás do outro, sem descansar. E agora que oito bons anos se escoaram depois que parti de Atenas, durante os quais tenho vivido, para e exclusivamente, das minhas produções literárias, apesar de que o governo jamais protegeu a quem escreve neste país; agora, que "O Mulato", vem de novo à tona da publicidade e agora que ele já não pertence à província nenhuma, mas sim ao público do Rio de Janeiro, a quem devo tudo; agora é com o maior prazer que deponho essa nova edição nas mãos desta querida terra, em que nasci e não posso deixar de amar; e lhe peço reverentemente que o reconheça com carinho entre as obras de pouco mérito que lhe são consagradas.

# Aluizio Azevedo, contista — O MADEIREIRO

— Sua ama está em casa, rapariga?

— Está, sim, senhor. Tinha a bondade de dizer quem é.

— Diga-lhe que é a pessoa que eu espero para jantar.

— Ah! Pode subir... Minha ama vem já.

Entrei e reconheci a saleta, onde eu dantes fora recebido tantas vezes pela viuvinha do general.

Quanta recordação! Vira a uma noite no Clube de Regatas; apresentou-me um jornalista então em moda; dançamos e conversamos muito. Ao despedir-nos, ela, com um sorriso promissor, disse-me que costumava receber as terças-feiras os amigos em sua casa e que eu lhe aparecesse.

Fui, e um mês depois éramos mais do que amigos, éramos amantes.

Adorável criatura! simples, inteligente e meiga. No entanto, o meu amor por ela fora sempre um tanto frouxo e preguiçoso. Acostumava a sua ternura como quem aceita um obséquio de cortesia. Tinha eu por ventura o direito a reclusão-lá?

Mas, assim como nasceram, acabaram os nossos amores; uma ocasião cheguei tarde de mais à entrevista; de outra vez lá não fui; depois esperei-a e ela não se apresentou; até que um dia, quando dei por mim, reparei que já não era seu amante.

Seis meses já lá se iam depois disto, e eis que uma bela manhã, ao levantar-me da cama, entregaram-me uma carta. Era dela.

"Meu amigo,

Sei que conserva as minhas cartas e peço-lhe que me as restitua. Venha jantar comigo, mas não se apresente sem elas. É um caso sério, acredite.

São vinte. Não me falte o contato com a estirpe de quem espero merecer-lhe este último obséquio.

Affonso que será o último. — Sua amiga, Laura".

Para que diabo quereria ela as suas cartas?... Tinha receio de que as mostrasse a alguém?... Impossível!

Principiavam-me estas considerações, quando se rascou a cortina da saleta e a viuvinha do general surgiu de repente de mim.

— Com efeito! disse ela. Só assim o tornaria a ter em minha casa! Bons olhos o vejam! Beije-lhe a mão.

— Trouxe?... perguntou.

— Suas cartas? Pois não! Bem sabe que para mim as suas ordens são sagradas...

— Ainda bem. Sente-se.

Sentamo-nos ao lado um do outro. Ela recendia uma combinação agradável de kananga

do Japão e sabonete inglês; tinha um vestido de linho enfeitado de rendas; e na frescura aveludada do seu colar destacava-se um medalhão de onix.

— Então, que fantasia foi essa?... interroguei, depois de um silêncio em que nos contemplamos com o mesmo sorriso.

— E no íntimo já estava gostando de haver lá ido. Achava-a mais galante; quase que me parecia mais moça e mais bonita.

— Que fantasia?... — A de exigir as suas cartas...

Ela fez do seu meio sorriso um sorriso inteiro.

— Tinha receio de que alguém as visse?... perguntei, tomando-lhe as mãos entre as minhas.

— Não! Suponho-o incapaz de tal baixaria...

— Então?... — Mas para que deixá-las lá?... Está tudo acabado entre nós...

E retirou a mão.

— Já cheguei-me mais para ela — Quem sabe?... disse.

Laura soltou uma risada.

— Você não de ser sempre o mesmo?... Não se lembraria de mim se não recebesse o meu bilhete, e agora... Tipo!

— Não digas tal, que é uma injustiça!

— Espere! Tire a mão da cintura! Tenha juízo!

— Já não te mereço nada?... — Deixe em paz o passado e tratemos do futuro. Eu quero que você seja meu amigo...

Dizendo isto, ergueu-se e foi abrir uma janela que despejava sobre o jardim.

— Está então tudo acabado?... Tudo? Inquirei, erguendo-me também, e envolvendo-a no meu desejo, que ela fazia agora reviver, maior do que nunca.

— E' que incontestavelmente o demônio da viuvinha estava muito mais apetitosa. Nunca tivera aquelas ombros, aquele sorriso tão sanguineos e aqueles dentes tão brancos! Seus olhos ganharam muito durante a minha ausência, estavam mais unidos e misteriosos, quase brejeiros! o seu cabelo parecia-me mais preto e mais lustroso; a sua pele mais pálida, com uma cheirosa frescura de magnolia. Todos os seus movimentos adquiriram inesperada audácia; o seu quadril havia enrijecido de um modo surpreendente; o seu colo tomara irresistíveis proeminências que meus olhos cúrbicos não se fariavam de beijar.

— Então, tudo acabado, hein?... — Tudo!

— Tudo? tudo?... — Absolutamente!

— Para sempre?

— Você assim o quis, meu amigo! Queixe-se de si!

— Já lançar-lhe as mãos e fechá-la num abraço; ela, porém, desviou-se, ordenando-me com um gesto muito sério que me contivesse, puxou das cadeiras para junto da janela e pediu-me que a ouvisse com toda a atenção.

— Sabe porque lhe exige as minhas cartas?... — Por que?

— Porque vou casar...

— Como? A senhora disse que ia casar?!

— Dentro de dois meses.

— Com quem, Laura?

E fiquei também eu muito sério.

— Com um negociante de madeiras.

— Um madeireiro?

Ela meneou afirmativamente a cabeça; eu fiz um trejeito de bico com os lábios e pus-me a sacudir a perna.

— Sta bom!

— Que quer você?... Uma senhora nas minhas condições precisa casar!...

— Ora está! Um madeireiro!...

— Que me ama muito mais do que você me amou, e tanto assim que está disposto a fazer o que você nunca teve a coragem de imaginar sequer! E já ro-lhe, meu amigo, que saberei merecer a confiança de meu marido! Seré em virtude o modelo das esposas!...

— Olhei-a de certo modo.

— Não seja tolo! disse ela em resposta ao meu olhar.

E fugiu lá para dentro, sem consentir que eu a acompanhasse.

Só nos tornamos a ver mais hora depois, já à mesa do jantar.

— E as cartas? reclamou ela.

Tirei o maço do bolso, desatrelhei a fitilha cor de rosa que o estava; contei as cartas, estavam todas as vinte, metódicamente numeradas, com as competentes datas em cima escritas em letra boa.

— Mas não tive ânimo de entregá-las.

— Olhei-a, disse, trago-lhas noutro dia... Se as restituir agora, que pretexto posso ter para voltar cá?... — Hein? Como? Isso não é de cavalheiro!...

— Não sei! Quem lhe mandou ficar mais sedutor do que era?

— Está então disposto a não entregar as minhas cartas?... — E até a servir-me delas como uma arma de vingança!

Laura franziu a sobrancelha e mordeu os beiços.

Tínhamos já cruzado o tálher da sobrezebra e bebíamos, calados ambos, a nossa taça de champagne.

O silêncio durou ainda bastante tempo. Ela só o quebrou para perguntar, muito seca, se eu queria mais acaçar no café.

E continuamos mudos.

Final, acendi um charuto e arrastei minha cadeira para junto da sua.

— É melhor ser minha amiga... segredai passando-lhe o braço na cintura.

— Não desejo outra coisa, bati-meio ressentido e magada.

Peguei-lhe juntamente que me proteja como amigo, em vez de pôr obstáculos ao meu futuro.

Que diabo! eu preciso casar!...

— Eu lhe entrego as cartas... Descanse.

— Então dê-mas!

— Com a condição de prolongar a minha visita até mais tarde...

— Mas...

— E fazemos um pouco de música ao piano como dantes. Está dito?

— Jura que me entrega depois as cartas?... — Dou-lhe a minha palavra de honra.

— Pois então fique.

As onze e meia, Laura apresentou-me o chapéu e a bengala.

Repeli-os e declarei positivamente que não lhe entregaria as cartas, se ela não me concedesse por aquela noite, aquela noite só, gozar ainda uma vez dos direitos que dantes o seu amor me conferia tão solitamente.

Ela a princípio não quis, mostrou-se zangada; mas eu insisti, supliquei, jurei que seria a última vez, a última!

E não sei.

Pela manhã, depois do almoço, Laura exigiu de novo as suas cartas.

Tirei o pacotinho da algibeira, abri-o, contei dez.

— E' a metade. Ai ficaram!

— Como a metade?... — Pois, Laura, você me acha tão tolo que te entregasse logo todas as tuas cartas?... E depois, em troca do que te pediria que prolongasses um outro jantar como o de ontem?... — Isso é uma velhacada!

— Que seja!

— Estou quase não aceitando nenhuma!

— Daqui a uma semana volte-ei trazer as outras dez. Está dito?

— Tratante!

Dal a uma semana, com efeito, lá ia eu, com as dez cartinhas na algibeira, em caminho da casa de Laura. E nunca em minha vida esperei com tanta ansia a hora de uma entrevista de amor. Os dias que a precederam afiguraram-se-me intermináveis e tristes. A viuvinha também se mostrava ansiosa, quando menos por apanhar as suas cartas.

Mas, coitada! não recebeu as dez, recebeu cinco. Pois se a achei ainda mais arrebatadora

nesta segunda concessão que na primeira!...

E na seguinte semana recebi apenas duas cartas, e nas outras que se seguiram recebi uma de cada vez.

Ah! mas também ninguém poderá imaginar a minha situação ao desfazer-me da última um jogador não estaria mais como movido ao jogar o derradeiro tento! Eu ia ficar completamente arruinado; a ficar perdido; ia ficar sem Laura, o que agora se me afigurava a maior desgraça deste mundo!

Arrependi-me de lhe ter dado dez logo de uma vez e cinco de outra. Que grande estúpido fora eu! Esbanjara o meu belo capital, quando o podia ter feito render por muito tempo!...

Então o espectro do madeireiro surgiu-me a fantasia, como eu o imaginava: bruto, vermelho, gordo e suarento. E Laura, ao meu lado, no abandono tóxico da sua alcova sorria triunfante, porque tinha resgatado o único laço que a prendia a outro homem. Estava livre! Rasguei a carta ao meio.

Aqui tem, disse passando-lhe metade da folha de papel. Ainda me fica direito a um almoço e metade de uma noite em sua companhia... Pegue-lhe que me deixe voltar!...

Ela riu-se, e só então reparei que meus olhos estavam cheios d'água.

— Queres que te passe de novo o baralho?... perguntou-me enternecida, cingindo-se ao meu peito.

— Se quero!... Isso nem se pergunta!

— Mas agora é a minha vez de impor a condição...

— Qual é?

— Só tornaremos a jogar-las depois de casados, serve-te?

— E o madeireiro? Ele não tem cartas tuas?

— Tranquiliza-te, que, além de meu marido, eu só amo e escrevi a um homem, que és tu!

— Pois aceito com todos os diabo! E, como ainda tenho jus a um almoço, não preciso sair já!

Uma semana depois, Laura dizia-me à volta da igreja:

— Mas, meu querido, como queres tu que eu te mostre uma pessoa que não existe?... — Como não existe?... Então o teu ex-noivo, o célebre madeireiro, cujo retrato trazias no medalhão de onix...

— Qual novo! Aquela fotografia é de um jardineiro que tive há muitos anos e que morreu aqui em casa.

— Então tudo aquilo foi?... — Foi o meio de arrastar-te para junto de mim, tolo! e reconquistar o teu amor, que era tudo o que ambicionava nesta vida!

## A obra de Aluizio Azevedo - (Continuação da página 173)

(Continuação da página 173)

entamente o idealismo da raça. Seremos idealistas a frio, se é possível!... Notai, senhores, que, para os artistas, a suprema desventura é não poderem ter gênio em meios que não possuem ideal. Nada impede a composição de obras primas, se o espírito se expande ao ar livre, luminoso e puro, de um grande tempo! Misérlas qual a de Camões, com a poesia inspiradora da saudade aliada no exílio ao orgulho de um passado heroico e à glória dos avoengos, com a beleza magnífica da Renascença a atraí-lo, num desfile interminável de cenas e de figuras grandiosas, com a sedução ainda virgem de ondas desconhecidas, esquivando-se na bruma dos horizontes à cadência do ohar e à audácia das

quilhas, com os esplendores do Oriente desdobrados indefinidamente na majestade de mitos milenários, misérlas assim é opulência.

Tristeza, ainda nos limites da nossa língua, é a de Camilo Castelo Branco, o perdulário cético de períodos de ouro, a dissipar em novelas destinadas a classes mercantis, ou mais ou menos mercantilizadas, o talento que imaginou o "Amor de Perdição", e que seria capaz de criar de novo o "Tiro Goriol". Desgraça, a nossa. O belo resíduo na consciência, a obra de arte — fruto de amor — só a fazemos quando o amor nos tempestua no peito, nos empalidece a fronte, nos enregela a mão, ora trêmula, ora crispada sobre o papel, e, apesar disso, somos obrigados a trabalhar de janela aberta, para a sua, diante das

massas curiosas, trôncas, apressadas. Pedem-nos uma literatura de quarto de hora e sobre a página efêmera, composta às pressas, para lazeres de negócio ou intervalos fúteis de prazer mundano, atiram em paralelo as grandes obras em que o sentimento reveste formas eternas. E dizem: Não queremos as vossas idéias, nem a vossa fantasia, nem a vossa graça, nem o vosso pranto; só de impessoais, breves, simples; advinhal os nossos penhores secretos, o que diverte sem ironia, o que impressiona sem abalo, o que não convida a pensar; fazei da nossa vida uma religião.

Pobre Aluizio! Evoquemos fraternalmente as lutas que travou, os triunfos que obteve, os desenganos que o feriram.

Jovem, soube distinguir a estrada florida, plana e tranquila da áspera e tumultuosa, cujas pedras guardam vestígios sangrentos e cujas fontes fecem um ressaibo de lágrimas. Foi a esta que escolheu, fascinado pelas miragens do seu erro, o seu traquele, pelo encanto do seu mistério azul e pela fugidia beleza, quase sempre intangível, da glória. Ah! como resistir à doce e cruel fascinação? Que outra existe no mundo mais poderosa? Não o amor — a arte sim — é mais forte que a morte! quando a arte se torna a condição plástica do amor... Neste "donjuanismo" ideal, que se não restringe às sensações imediatas, mas, através das formas imperfeitas, aspira à perfeição da Forma, não há saciedade, nem remorso, nem velhice. A medida que os

anos passam, embora cada hora valha uma decepção, aumenta o atrativo das quimeras, e o culto estético, ao contrário do que sucede nos afetos vulgares, é a própria mesquinhez da realidade, conhecida e praticada, que o afervora. Certos artistas, com o tempo, sabem calar-se. Calou-se Aluizio Azevedo. Tinha o direito de fazê-lo. Ainda, assim, que vos não engane aquele silêncio no degredo...

Como os outros intelectuais brasileiros, ele estava condenado, após a mocidade, ao deserto e à sombra; mas, na solidão interior do seu fim de vida, conheceu sem dúvida o enlevo de supremas visões de arte. Quem sabe se não adormeceu para sempre beijado na fronte e nos lábios pela mais linda de todas!...



# A vida de Aluizio Azevedo

DOMINGOS BARBOSA

(Da Academia Maranhense de Letras).

Aluizio cursou as aulas primárias a que aludiu quando falei de América. Não conseguiu aaveriguar se estudou humanidades. Se o fez, foi irregularmente. Adquiriu, porém, por si a cultura que mais tarde veio a ter.

Muito jovem, foi colocado pelo pai, como caixeiro, no escritório dum desportante da Alfândega de São Luiz.

Ele, porém, que tinha invencível aversão ao comércio, dava largas ao seu gosto pelas coisas de arte, aprendizagem de desenho, nas horas vagas, com o professor italiano Domingos Tribuzzi.

Mas na aula, — narra o ilustre João Affonso Nascimento, seu contemporâneo e amigo, — era um revolucionário, que se insurgia contra as regras e a rotina do mestre, para oferecer à impetuosidade do seu ardeor juvenil, que o impelia a tentar coisas que somente artistas já feitos se atreveriam a empreender.

Foi assim que, não conhecendo ainda regras elementares de desenho, pintou, — a óleo! — uma trupe, uma pavorosa cena de berriço, a que não faltava imaginação, e em que abundavam cores berriças.

Mais tarde, ao maneio, — em que se adentrou, — do pincel e do lápis, deu-se a ele, um dos mais altos mentes de escritor. É que, antes de descrever os personagens que nos seus livros se movimentam, ele as pintava, a esboçava, se eram belos e bonitos, e caricaturava-os, a lápis, se eram ridículos ou más.

Este "processo", escreveu eu, "foi de certo o que lhe construiu um dos lados mais vigorosos da obra literária, com a criação ou adaptação dos tipos que nela vivem, sofrem, choram, riem, palpitam, freem e almejam, com o cunho inconfundível que denuncia o artista, com o outro indelevel que faz dos seus personagens imagens reais da existência e do meio, provocando uns o comotimento, outros o piedade, e, assim, todos eles fluíam dentro da obra literária".

Encheram Aluizio para o Rio, e em lá ficou dois anos, trabalhando como caricaturista, no "Folgor", no "Mozartete" e no "Revista Ilustrada". A ocasião era muito azada.

De um lado, acontecimentos como a viagem de D. Pedro II à Europa, e a ridícula questão chamada "os trinta bebes", provocada por uma "charge" com que Bordallo Pinheiro suscitou os melindres notórios, davam ensejo à atividade da sua lápis humorístico, e aos comentários feitos nas legendas dos caricatos pela sua pena incisiva.

De outro, Arthur Azevedo estava no palmar da fama, com a representação sucessiva, por mais de cem vezes, da peça "A filha de Maria Anjo", tradução e adaptação da célebre ópera comica de Lecocq, "La fille du Mme. Angot".

Aproveitando a sua "récita de autor" e as estrondosas homenagens que então recebia, Arthur, chamado várias vezes à cena, encontrou, em uma delas, da mão de Aluizio, que se achava nos bastidores, levou-o ao palco, e disse à platéia: "Apresento ao generoso público fluminense (naquela época ainda não se dizia "caraca") Aluizio Azevedo, irmão do pai do filho de Maria Angot".

I a platéia ovacionou freneticamente os dois.

Embora assim acolhido no Rio, Aluizio retornou ao Maranhão, em 1879.

Então, o caricaturista se fez jornalista, primeiramente no "A Flecha", redigindo uma seção humorística e assinando "Pitiribi"; após, fazendo crônicas civisilantes, em "O Pensador", jornal anti-clerical, de um grupo de moços, e cujo título ficou sendo a auto-denominação pela qual era vulgarmente conhecido Eduardo Ribeiro, que se fariia engenheiro militar e seria governador do Amazonas; e, mais tarde, assinando com o pseudônimo "Linhão", na "Pacotilha", a fereza crítica dos outros jornais da terra.

Ainda nesse período de atividade

na imprensa, publicou "Uma lágrima de mulher", farta novela, voadora dos deliquentes moldes românticos do tempo, moldes que logo quebrou, seduzido pela escola naturalista, que transplanteou para os letrados nacionais, e da qual foi uma das mais altas expressões no Brasil.

Em 1881, deu a lume "O mulato".

Não sei de outro romance-estréia que tão cedo e tão galhardamente tenha empolgado o publico legente no nosso país.

Os homens de letras mais entusiasmados e os críticos mais severos aqui do Rio saudaram a obra com carinho e entusiasmo.

E o mesmo se deu em todas as outras Províncias.

No Maranhão não foi assim, e, aliás, bem se explica por que assim não foi.

Por uma parte, toda a sociedade local estava visceralmente interessada na questão religiosa e na questão do elemento servil, e Aluizio, abolicionista convicto e anti-clerical ardoroso, carregando um tanto a mão nas tintas com que, ao saber e ao impulso dos seus convicções, pintou certas cenas e certos tipos, teria forçosamente que irritar aqueles que alimentavam idéias contrárias às suas, e eram a maioria.

Por outra, a "moneria" realista não poderia deixar de ser chocante para quem estava então acostumado a ler Lamartine, Pinheiro Chagas e Macedo.

Mais ainda que, em vários personagens do romance, notaram flandreses semelhantes com personagens importantes de São Luiz, e que eram indicadas, em voz alta, por toda a gente, o que aumentava ainda mais a irritação, já reinante, com o dos modelos apontados.

Ao contrário de Coelho Netto, que era um fantasista não sei se já li em algum paralelo. Aluizio era um impressionista. Aquelle escrevia o que a sua poderosa imaginação elevava; ele, o que a sua visão aguda observava.

Provável é, assim, que não poucos dos tipos que se veem em "O mulato", sejam, realmente, fotografias uns, e caricaturas outros, de gente que a toda hora via em torno de si, e feitos, umas propostados, outras quase inconscientemente.

Esse acúmulo de circunstâncias criou para o livro um ambiente entre frio e hostil, embora os amigos e companheiros do romancista recebessem com alacridade o seu triunfo conquistado extra-fronteiras provincianas.

Um só crítico, aliás poeta de mérito, a quem Aluizio aludiu no prefácio da 2.ª edição do romance (e não lhe repito aqui o nome porque sei quanto ele mais tarde se arrependeu, e como se penitenciou da injusta e da virulência da crítica), lá se ocupou do romance, pora, em períodos ácidos, aconselhar o romancista a que largasse a pena e fosse para a lavouro.

Aluizio, como se sabe, rejeitou o conselho. Não sei se com a recusa foi prejudicado o agricultor nacional... Sei que os letrados brasileiros multíssimos lucraram.

Felizmente, com o escorrer dos tempos, as paixões tereraram, os antipatias arrefeceram. E hoje não há no Maranhão quem não se envergonhe de haver sido um maranhense que escreveu "O mulato".

Esse livro é, lá e fora de lá, tido por muita gente, como, dentre quantos compôs Aluizio, o melhor e o mais completo. E', realmente, admirável. Bastaria o fazer a reputação de um romancista.

Mos, de mim, hesito em dizer qual o mais bem feito dos seus romances: se "O mulato", ou se "O cortiço".

Pendo, — sempre que os leio, — para aquele... que estou a ler, tanto me agrazem os dois como, quase tanto, a "Casa da pensão" e "O filho de uma sogra".

Voltando para o Rio, Aluizio se fixou no romance, abandonando por

completo o lápis de caricaturista, e quase inteiramente a pena de jornalista.

Escreveu, é exato, vários contos, e colaborou com Arthur em diversas peças teatrais, obedeendo, neste particular, à influência do irmão que, aos 15 anos de idade, em São Luiz, já escrevia a deliciosa comédia "Amor por anexins", largamente aplaudida pelas platéias do Brasil inteiro.

Mos romancista é que ele foi mais que tudo, e como tal sobre tudo vale.

Dos seus romances, eu desejaria falar minuciosamente aqui dando um rápido resumo do entrecabo pelo menos de alguns.

Mos quem de vós não os leu?

Quem, entre todos vós, não se deliciou com os seus trechos descritivos, especialmente da Natureza, como que "transplantada" para o papel pela propriedade da sua adjetivação, e pela firmeza do seu estilo, que, na cloridade singela e honesta, deslumbra como um rio de sol?

Das suas personagens, quem é que não se recorda de muitas, e não há tapado com algumas na trunfatura da vida?

A miúdo com elas nos acotovelamos nos ruas, e temos a impressão de que foram arrancadas de seus livros para a existência real.

Aqui, é "Amancia", a velha irrequieta e nervosa, tagarela e maldizente, metódica e desbocada, que passa pelas páginas d'"O mulato", indagando de tudo, sabendo tudo e falando de tudo quanto havia pela cidade, barafustando por todas as coisas e satirizando por todas as ruas, chachalhante e paçocheiro qual uma casaca.

Ali, é o "Coqueiro", da "Casa da Pensão", indivíduo frouxo e descaído, amorfo e sem vontade, que se transforma bruscamente em herói, por um crime o que o arrasta o achincalho dum situação humilhante e ridícula.

Acolá, é o "Jerônimo", a português cacocacuello d'"O cortiço", rude e honesto, sóbrio e trabalhador, que o ambiente amolador da estalagem e os capitos atrativos da mulata "Rito-baiara" transmudam em desordeiro e criminoso, devasso e berberão.

Mais adiante, é "Olimpia", d'"O livro de uma sogra", mulher despitida de preconceitos e muito avançada do seu tempo; que, ignorando no que tem de inteligente e de afetiva, arrosta com a inimizade e o ridículo sem se importar de que a tomam por caprichoso e má, desde que faça a felicidade da filha, a quem ama com um amor profundo e raciocinado, feito de devotamento e de ternura.

E ainda o "André", d'"O coruja", personagem que Adelaar de Carvalho afirma ser irreal e micromento imaginário, quando é certo que ele é, apenas disfarçado por alguns traços, o de um bacharel desafortunado e alcoólico, que vagabundou no Maranhão pela primeira metade do século passado, e que, por vestir sempre roupas usadas, que antigos colegas mais felizes lhe davam, era conhecido pelo alcunha de "Roupe-velha".

Para que citar mais? Tipos como esses, magistralmente traçados, se encontram vários nas aludidas e nos demais livros de Aluizio, — livros que todo o Brasil, que flo, leu quando foram publicados.

Com os anos, os exemplares foram rarando nas livrarias, o que ficou sendo uma ameaça ao devido conhecimento do obra do romancista pelas gerações porvindouras.

Felizmente, porém, o espírito empreendedor dos editores Briguelet-Garnier já encetou a reedição de todos os seus romances e contos, e teve o bom intuito de confiar a direção do trabalho à incontestável optidão e à infatigável atividade de M. Nogueira da Silva, pronto sempre a por a sua inteligência e a sua boa vontade a serviço de tudo quan-

to se relaciona com os nossos letrados, e, em particular, com o contínuo em que nascemos.

Mais ainda na obra de Aluizio dois méritos a realçar.

Um, as dificuldades com que a realizou ele, que vivia, premido por aperturas financeiras, numa casa de comodas, mas não se privava de passear à tarde pela rua do Ouvidor, trajado como um "dandi", de cor-tola branca, fraque cinzento e botines de verniz, — às vezes pertencentes a companheiros da "república", fato de que Coelho Netto dá testemunho n'"A conquista".

Outra, a honestidade de escritor que, para apanhar com fidelidade cenas e tipos, não hesitava em enfiar um casaco enodado e umas calças remendadas, e meter-se num quarto sordidíssimo que alugou num cortiço, onde esteve ameaçado de trovar relações com a navalha dum "capoeira", convencido de que ele não era senão um "secreta" disfarçado, desde que o viu, casualmente, na rua, em elegante indumentária.

Tal sistema de vida, de falsa conforto e de privações reais, levou-o a procurar, — lainda os engrandecidos solertes não haviam inventado o verbo "cavar"...), — um pouco estável e remunerador.

Após efêmera passagem, como oficial-maior, pela Secretaria de Estado fluminense, e com o intercalação de uma nova era de aperturas, foi nomeado: vice-consul em Vigo (1895), em Yokohama (1897) e no Salto (1899); consul em La-Plata (1903), Cardiff (1904) e Nápoles (1906); consul geral em Assunção (1910) e, (1911), cumulativamente com estas funções, adido comercial junto a todos as legações na América do Sul, para servir nas quais fosse designado.

Despendeu assim, na carreira consular, ceto anos, dos cinquenta e seis incompletos que viveu (14 de abril de 1857-27 de fevereiro de 1913).

Fato curioso: colocado, mais na-

da, ou quase nada escreveu, pois desse período, só se lhe conhece, publicado, um admirável estudo comparativo da mulher japonesa com a mulher norteamericana, e o qual vem na "Biblioteca Internacional de Obras Célèbres".

Porque tamanha e tão lastimável inação, quando teve a mão garantida?

Várias hipóteses se hão formulado para o explicar.

Alvitram uns que ele escrevia, não por gosto, mas por necessidade, e, assim, quando não mais necessitava, não mais escrevia. Outros, que, afastado do Brasil, sentiu que lhe faltava o "meio" boêmio em que se fez, e fora do qual não sabia criar. Ainda outros, que estavam no anseio de desejo de realizar uma obra de integral perfeição artística: — obra que imaginava, mas receava não poder escrever; perfeição que, nos seus sonhos, lhe duma fabulação absolutamente original a uma fórmula literária impecável, e, mesmo, até uma caprichosa fatura material do livro.

E foi assim que, no atívio, — burocrático, e na inatividade artística, se escauram os derradeiros anos da sua existência, ensombrados por uma tênue nuvem de melancolia, cuja causa ele não devassou nunca a ninguém.

Mos gente de aguçada orgúcia, ou gente daquella a quem agrada romantizar às vezes os casos mais prováveis da vida deduziu o seu antedileto do separação de alguém, em cujo retrato a aquarela, pintado em todo, e que não saia de cima da sua banca de trabalho, se viam um "kirmano" bordado de crisantemos, e uns doces olhos amendoados. Recordação de uma suave figura japonesa, a quem se ligou em Yokohama, o que não o quis acompanhar mundo afora, no desejo de não deixar sós os pais, velhinhos e encorruilhados, para os quais eram indispensáveis o seu sorriso de "gol-sho" e a sua meiguice de "muss-me".

("Jornal do Comércio", 11-4-1937).

## Dois sonetos de Aluizio Azevedo

### VELHA SAUDADE

Depois que te partiste, ó branca Alzira! em vivo  
Mais triste que o luar das noites misteriosas;  
E os espinhos eu sinto, agros, de estranhas rosas,  
Punlrem-me no peito o coração cativo.

Buseo embalde o repouso; embalde as desculpas  
Horas, que junto a ti passei, buseo lascivo!  
Tudo inútil, amor! Não acho lenitivo  
As dores da saudade, amargas, silenciosas.

Então, cheio da tua ausência indefinida,  
Atiro-me no chão, pesado como um prédio,  
Mudo, sombrio, alheio inteiramente à vida;

Mas de repente... eu sei! supponho achar remédio.  
Olho, procuro, esuto! E' tudo em vão, querida!  
E fico bocejando às bordas do meu tédio.

### MALDIÇÃO

Bramavam os meus amigos à porfia  
Sempre que eu tinha no lado uma mulher;  
Uns porque a coisa em si mal parecia,  
Outros por outra implicação qualquer.

O caso é que nenhum me permitia.  
Reier do amor na festa o meu talher,  
E a mim, se a mesa fico, só cabia  
Comer com a própria mão, ou não comer.

Dos meus lábios por eles arrancada  
Toda a mulher que amei, amei em vão,  
Senhora fozes ou misera criada,

E hoje, chorando em negra solidão  
As amigas perdidas pela estrada,  
Bramo contra os amigos maldição!

Cardiff, julho 1904.

# Um capítulo de "A Mortalha de Alzira" — Aluizio Azevedo

Ozéas munuiu-se de uma lanterna furtiva e fez-se acompanhar por Angelo, que levava o alívio e a enxada.

Sairam.

A noite era bonita e frouxamente iluminada por um luar de abril.

A aldeia dormia já e apenas algumas árvores rumoravam, sonhando talvez, ainda tontas da quente carícia do último sol que as sufocara com os seus beijos de fogo.

Cães ladravam de pescoço estendido, provocando o céu. As estrelas bruxoleavam tristemente no azul da abóbada misteriosa. Não se ouvia o pio de uma ave noturna.

E os dois religiosos lá iam pela estrada, silenciosamente, projetando longas sombras na areia dos caminhos.

Parciam dois espectros fúidos da mesma noite.

Andaram durante algumas horas. Atravessaram a aldeia, sem dizer palavra. E afinal chegaram a um cemitério que já não pertencia a Monteli e sim a Blanca-Manteaux.

— E' aqui, meu filho... disse o velho parando, extenuado de fadiga. Angelo nada respondeu. Encostou-se ao sinistro muro da casa dos mortos e respirou descansado.

— O que vimos aqui fazer? perguntou depois.

— Entremos... deliberou o outro, procurando o lado mais baixo do muro para galgar-lo.

E penetraram no cemitério.

Era um bem triste lugar aquele, com a sua dura simetria de túmulos enfileirados, branqueando ao luar. Cantilhões de flores, mais fúnebres que as sepulturas, pareciam dizer na muda linguagem das perpe- tuas e das margaridas, todo o segredo das dores e das saudades, que ali geram, junto aos que fugiram para debaixo da terra.

Mas agora nem o eco de um soluço, nem a cintilação de uma lágrima!... Mudo esquecimento e paz absoluta! A lágrima nasceu líquida para secar depressa, e o soluço não tem asas para acompanhar a memória dos que morrem!

Ozéas e Angelo puseram-se a andar vagarosamente por entre os mausoléus, até chegar ao campo raso dos mortos anônimos, para os quais só há uma cruz de ferro, com um simples número, fria como o coração do coveiro que os sepultou.

O cemitério era grande, mas de aspecto miserável. Um vasto campo, que se estendia, subindo em rampa, até parar de súbito num formidável despe- nhadouro, onde nunca descia a luz do sol nem das estrelas.

O frade, ao chegar a certo sepulcro, coberto por uma lousa de mármore de luz à sua lanterna e alumou a lápide.

— Lê!... disse ao companheiro.

— Ah! exclamou Angelo, retraindo-se.

Não lágea funerária estava es- crito "Alzira".

Aqui jaz o que dela resta...

negredo o velho.

E depois de um silêncio, acrescentou: Levanta a lousa...

— Profanar uma sepultura!... Eu?... protestou Angelo, recuando. Não! Nunca!

— Assim é preciso! Obedece!

— Meu pue!

— Obedece!

O presbítero hesitou ainda.

— Obedece, ou eu te amaldiçoarei para sempre! insistiu Ozéas.

Angelo abaixou a cabeça e co- meçou a levantar com o alívio a pedra sepulcral.

Conseguiu-o no fim de algum esforço.

Agora, tornou o velho, quando viu a tumba descoberta, tira a enxada e que está lá dentro...

O pároco voltou o rosto, ex- clamando:

— Oh! Não! Não! por amor de Deus!

Ozéas tomou a enxada e reti- rou com ela uma caveira de dentro da sepultura.

Limpou-a ao hábito e levou-a até os olhos do discípulo di- zendo:

Vê! vê bem!

— Uma caveira!

— Sim, uma caveira! E' tu- do que resta da beleza da tua Alzira!... a terra comeu- lhe os olhos, o nariz, a boca cor de rosa... Só ficaram os dentes, para se rirem de ti, lou- co!

Angelo tomou a caveira entre as mãos e ficou a contemplá-la, abstrato e mudo.

Ozéas chegou-se mais para ele e disse-lhe, avizinhando a boca do seu ouvido e abafando a voz como que conspira:

Vê bem!... E' uma caveira vulgar... confunde-se com todas outras!... Foram- se-lhe os encantos!... foram-se os cabelos com os seus perfu- mes sensuais, os lábios com os seus sorrisos sedutores, os olhos com as suas chamas de amor!...

— Meu Deus! soluçou An- gelo.

— Restam apenas ossos... Insistiu Ozéas. E' tudo que dela resta neste mundo! O mais que aponhas que existe, o mais que vejas nos teus sonhos liberti- nos é loucura! Compreende bem, Angelo! — Loucura!

— Meu Deus! exclamou o moço deixando cair a caveira dentro do túmulo, e sentido fugir-lhe a luz dos olhos. Meu Deus, vai-me!

E baqueou no chão, abraça- do-se à lápide.

Ozéas precipitou-se sobre ele, para socorrê-lo.

— Angelo! chamou. Animo! Animo, meu filho!

O pároco não deu acordo de si.

E o pobre velho apalçou-lhe o rosto e o coração.

— Perdeu os sentidos! disse aflito. Valha-me Deus! Como hei de valer! Se eu tivesse ao menos um pouco de água! A sua fronte escaldada de febre!

E correu os olhos em torno, desesperado por ver somente a morte em volta do seu deses- pero.

Ah! exclamou com uma idéia. Na capela!

Talvez encontrasse o guarda: E procurando estugar os seus cansados passos de ancião, afastou-se deixando Angelo abraçado à lousa de Alzira.

Angelo ergueu a cabeça so- fim de algum tempo e contraiu-se todo, ajoelhando-se na terra.

Tudo ele tremia.

Aos seus olhos desviados, um terrível espetáculo se pa- teitava naquele instante.

Alzira surgia da cova, lenta- mente. Vinha toda de branco, no seu longo roupão funerário, em que ele a vira estendida em seu leito de morte, quando lou- co de amor, a estreitava nos braços. Tinha os cabelos soltos sobre as espáduas, os olhos re- preensivos e tristes, a boca en- treaberta por um sorriso amargo, mostrando a embaciada pe- rola dos dentes.

Ah! gritou o pároco, titan- do-a.

E um singular diálogo tra- vou-se entre os dois:

— Para que vieste profanar esta sepultura?... perguntou o branco espectro de Alzira.

Angelo respondeu, sempre de joelhos e sem desprezar os olhos dela: Para me convencer de que não és mais do que vil despojo! Para me convencer de que és pó e lodo!

— E que lucraste com isto?... — A razão, porque tu me en- louqueces... Tu és a minha loucura, sedutor demônio!

— Loucura! E conheces por

acaso, alguma coisa no mundo que não seja delírio e lou- cura?... O que é a tua virtude senão loucura?... O que é a tua ciência?... O que é a tua religião?... Tudo isso é a febre dos doidos! é o desvariar dos lou- cos!...

Angelo arrastou-se para ela, exclamando suplicante:

— Então não me deixes vi- ver outra vida sendo esta em que eu te tenho. Ao meu lado, ao alcance dos meus lábios!... Leva-me, como nas outras noites, para os teus palácios en- cantados, para as tuas grutas misteriosas, leva-me para onde quiseres. Eu serei o teu pa- gem, o teu amante! O teu donzel!

— E' tarde! replicou Alzira, desviando-se dele, sem fugir de onde estava!

— Não, insistiu o pároco! não é tarde! Venha a minha espada de cavalheiro! Venha o meu fogoso gineite de longas crinas flutuantes! Arranca-me desta abominável mortalha preta, em que me envolveram des- te do berço! Arranca-me desta vida estúpida, e dá-me a outra ideal e sonhadora! Vamos! quero ser de novo um aventu- reiro, quero as minhas paixões, quero o meu punhal, quero a formosa mulher que palpitava de amor nos meus braços! Va- mos, minha Alzira, meu doce enlevo, poesia e sonho de mi- nha vida, encanto da minha alma! Vamos! Atenda-me!

— E' tarde!

— Ah! gemeu o misero, deli- xando cair a cabeça entre as mãos, a soluçar.

— Ouve, desgraçado! tornou a sombra de Alzira, com uma voz triste e plangente. O amor que te votei era tão grande, que hinguem jamais amou tanto so- bre a terra!... tão grande que eu consegui, das invioláveis pro- fundezas deste mundo dos mor- tos, criar um novo modo de vi- ver contigo! Dele-te a vida ideal do sonho, onde não terias nunca as tristes misérias dessa ou- tra vida em que vegetas!... Mas tu insensato! acabas de destruir o que eu com tamanho amor criei para a tua felici- dade! Que lucraste em desfa- zer a nossa vida fantástica?... Que vantagens descobriste nessa miserável existência que te res- ta agora, tão carregada de te- dios e mesquinhas necessida- des?... Onde melhor poderia- mos gozar a suprema ventura de nos amarmos, de que em um mundo ideal inventado pelo nosso próprio amor?... — Sim! Sim! exclamou An- gelo. Eu quero viver eternamen- te contigo!... Eu quero conti- nuar a ser uma sombra! Eu quero sonhar!...

— E' tarde! repetiu o es- pecto. Mira-te na tua obra!

E o seu rosto começou a fa- zer-se pálido, até tornar-se cor de osso, e os seus olhos foram- se esfumando, a cobrirem-se de sombra, até que nada mais eram do que dois negros bura- cos apagados, e seu nariz de- sapareceu, e os seus cabelos abandonaram o crânio ama- rento e nú, e os seus lábios su- miram-se, deixando a desco- brimento os dentes já sem brilho.

E a caveira resurgiu afinal, sorrindo para Angelo, pavoro- samente.

E por debaixo do alvo rou- pão mortuário, foi, pouco a pou- co, fugindo a carne, que o en- chia.

Desfizeram-se as voluptuosas curvas dos quadris e do colo. A túnica engeinou bamba como um sudário sobre um esqueleto.

E Angelo ouviu um sinistro cascalhar de ossos, e, soltando um grito, viu cair e sumir-se o defeito espectro na aberta e tenebrosa boca do sepulcro.

Debruçou-se sobre a cova, olhando lá para dentro.

Nada mais viu do que um pu- nhado de lodo.

Ozéas acudira de carreira, e lançou-se para ele com os bra- ços abertos.

Que tens meu filho? Que tens?... Fala! exclamou, er- guendo-o.

Angelo pôs-se de pé, passou a mão pela fronte, e disse amargamente:

— Acabou-se tudo... Nunca mais, nunca mais a verel!...

— Por Deus que nunca mais! confirmou o velho. Os céus ou- viram as minhas súplicas e acabam de restituir-te a razão!...

O pároco olhou em torno dele, como um alicudado que em verdade recuperasse naquele instante o entendimento.

— Ah! disse depois. Eu esta- va louco!...

Sim... Agora compreendo... Era tudo desvario... Era tudo ilusão!...

E calou-se durante algum tempo.

— Sonhos!... sonhos!... prosseguiu quase em segredo, meneando a cabeça desconso- ladamente.

Sim... eu existo... eu sou o seminarista Angelo... o pupilo de frei Ozéas... a criança en- contrada à porta do convento de São Francisco de Paula...

Aquele amor, aquela felicidade, eram sonho, eram loucura!...

E apontando para dentro da sepultura:

— Isto aqui é a realidade... isto aqui é a verdadeira vida...

— Sim confirmou o frade.

Angelo tomou-lhe as mãos, perguntando-lhe ansiosamente:

— Então nunca mais a ve- rei?... nunca mais a estrela- rei nos meus braços, peito a peito, lábio a lábio?...

— Não!

— Então, nesta vida real, nunca mais terel um raio de amor, que aqueça minha alma?...

— Tens o amor de Deus!

— Deus?... E onde está ele que nunca o vi, apesar de lhe ter dedicado a vida inteira?...

Ozéas ergueu o braço, apor- tando para o céu.

— Lá? perguntou Angelo, co- mo uma criança, apontando também. Mas lá é tão longe, tão longe... que minha voz, nem o meu entendimento al- cançam!

— Mas alcança a tua alma!

— Não! minha alma é irmã gêmea do meu corpo, e ambas são filhas da terra! Sou um homem!

Ozéas estremeceu ouvindo es- tas palavras e bradou com energia:

— Não és um homem, és um padre!

Angelo fitou-o, aproximando o seu rosto do dele.

— E quem me tirou o direito de ser homem?... interrogou. Quem me obrigou a ser pa- dre?... Qual bárbara violên- cia foi essa de me trocarem um direito por uma responsabi- lidade?... Quem foi que com- eteu esse crime?!

E, segurando violentamente o braço de Ozéas, bramiu com os lábios trêmulos e os olhos fer- rados sobre ele.

— Ah! ah! foste tu bem o sei!... encontras-te-me peque- nino, desamparado, sem ter na- da no mundo, nem mãe no me- nos... e carregaste-me para a tua sombrinha fúria, tal a fera carrega a mesquinha presa...

Encraste-me naquele tenebro- so convento, e aí me deformas- te a alma como um salt'banco ao corpo do enfeitado que lhe cai nas garras.

E cruzando os braços, inter- rogou com voz terrível perfila- do de frente de Ozéas:

— E quem te deu o direito de deformar minha alma? Quem te deu o direito de fazer de mim um padre? Quem?!

Responde!

— As minhas sagradas con-

vicções, as minhas crenças!...

Angelo sorriu ironicamente.

— Crenças!... convicções!... disse. E todo isso de que me serve agora?

Eu quero viver! eu quero a quinhão de vida a que tenho direito! restitue-me a minha mocidade, o valor do meu san- gue, o meu talento! Entrega-me o que meroubaste, ladrão!

Ozéas deixou-se cair de joelhos e abriu os braços, volven- do para o céu os olhos lacri- mosos:

— Oh! meu Deus! suplicou. O' meu Deus! piedade para ele! Socorrei-o. Iluminai-o com a vossa divina graça!...

E' tarde... rouquejou An- gelo. A sombra de Alzira bem a disse!

E' tarde!... roubador de crianças, saltador d'almas! Já não tenho a perder, porque me roubaste afinal a última ilu- são! Nada me resta fazer neste mundo de nojentas misérias! Sé maldito! Adeus!

E lançou-se de carreira para o abismo onde terminava o ce- mitério.

Mas Ozéas alcançou-o e pren- deu-o nos braços.

— Meu filho! meu filho! atende-me, por amor de Deus!

Não sou teu filho, não sou nada, sou um padre! responde! Angelo, debatendo-se para ar- rancar-se dos braços dele. Deixei de ser um vivo entre os mortos, sou um morto entre os vivos!

— Que vais fazer, Angelo?

— Completar naquele abismo a tua obra, bandido!

— Não! gritou Ozéas, faze- do um supremo esforço para desviar o filho do precipício. Não te matarás.

E engalhados numa tre- menda luta, rolaram até a se- pultura de Alzira.

— Não há de morrer!

— Pois morrerás tu, exclamou o pároco, ofegante, pon- do-lhe o joelho sobre o peito.

E arrancou uma cruz da terra.

— Vês?... disse bramindo a com o braço erguido. E' com a própria arma da tua religião que te vou ferir!

E cravou-lha na garganta.

Ah! gemeu Ozéas. Perdoo- lhe, Senhor!

E vendo que Angelo galgava a rampa do precipício, tentou ainda arrastar-se para lá, inu- tilmente. Gorgulhava-lhe forte o sangue da ferida.

— Angelo, meu filho! Aten- de! vagiu agonizante. Não pro- cure a morte!

— Não é a morte, é o sono eterno! respondeu o pároco, eu quero sonhar!...

E de um salto precipitou-se no abismo.

Meu coveiro, já teu braço

Não te custa levantar?

Não te pede do cansaço

O corpo teu descansar?

— Não me pesa, passagelo,

Não me custa trabalhar.

Ganho nisto meu dinheiro

Tenho gente a sustentar.

Pois bem, coveiro, prossegue,

Mas de ti quero um favor:

Não é coisa que se negue,

Não é coisa de valor.

Trago aqui agasalhada

Minha amante que morreu;

Tinha na terra a morada,

Porem a pátria no céu.

Quero apenas, meu coveiro,

Que sepultura lhe des,

Porem me falta o dinheiro

Para pagar-te, bem vêa.

— Anda, amante, caminhela,

Já meia noite bateu.

Não sepulto sem dinheiro,

Que dos mortos vivo eu.

Rio, 25 de julho de 1877.

BALATA

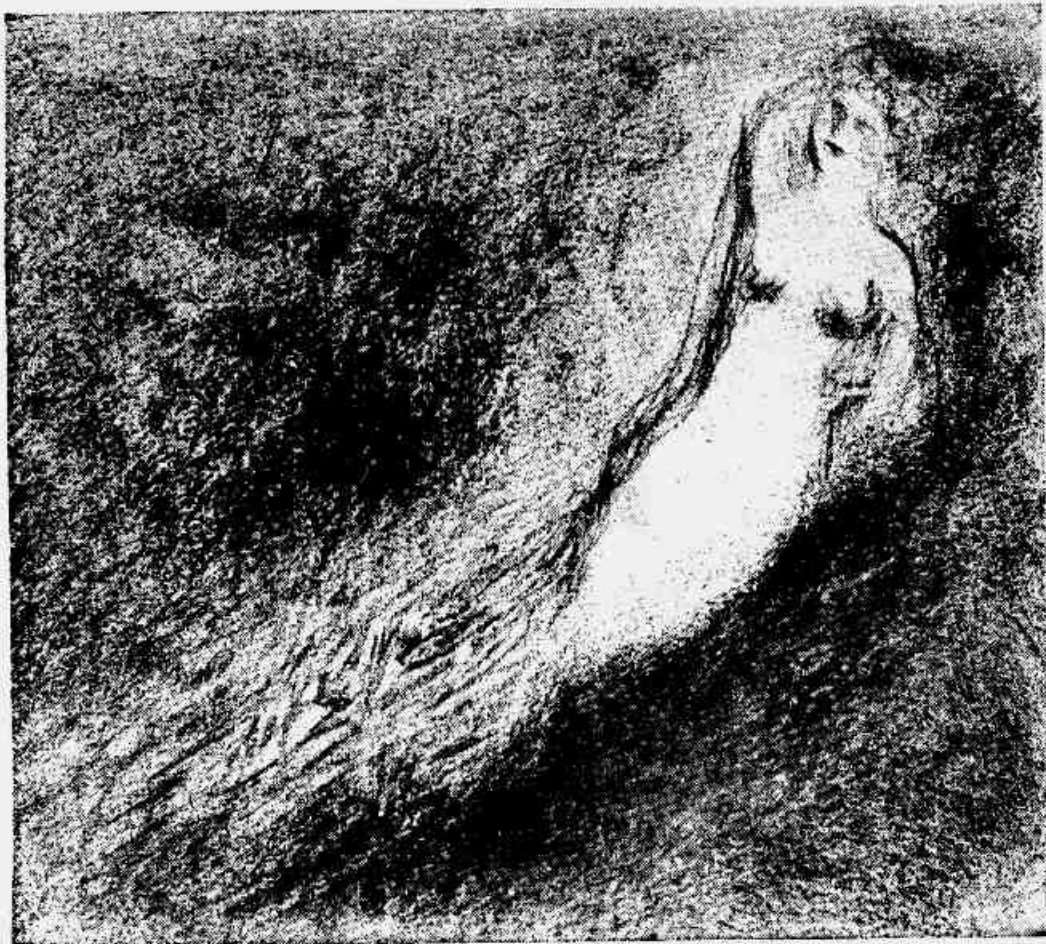
Aluizio Azevedo





# Falando à Sombria e Misteriosa Princesa

(Ilustração de OSVALDO GOELDI)



Se me fosse possível escolher o momento em que tu hás de vir,  
oh! Sombria e Misteriosa Princesa!  
eu não te pediria que viesses entre flores,  
nem que viesses entre luzes festivas.

Eu pediria somente que viesses entre músicas.

Que houvesse no sereno céu muitas harmonias soltas.  
Que o mar, o grande e sonoro mar, o mar divino,  
cantasse suas canções, agora desconhecidas.

Assim, fosse entre músicas ardentes e melancólicas  
que eu te recebesse em meus braços,  
Oh! Sombria e Misteriosa Princesa!  
que eu recebesse em meus lábios trêmulos o teu beijo misericordioso.

MUCIO LEÃO

## Galeria de nomes ilustres



O sr. ALVARO AZEVEDO, presidente da Academia Paulista de Letras. É uma figura ilustre de escritor e orador.



AFONSO CELSO. Há oitenta e quatro anos, completados no dia 11 de março findo, nasceu, em Ouro Preto, esse eminente vulto das letras brasileiras.



ARTUR ORLANDO, escritor de letra cuja data de falecimento transcorreu a 27 de março último. Foi membro da Academia, e deixou uma obra de estudos políticos e sociais digna de toda a atenção.



VICTOR MARGUERITE, autor de "La Garçonne". Aos 76 anos de idade, em Mantes, perto de Versalhes, França, faleceu esse escritor, que tão extraordinário êxito obteve com o livro acima referido. Era irmão de Paul Marguerite, e em colaboração com ele compôs quase todos os seus livros.